

Convergência

JULHO/AGOSTO • 2017 • ANO LII

503

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vítório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Marília da Silva Ferreira
Revisão: Letícia Figueiredo e Renato Thiel
Impressão: Editora Gráfica Ipiranga
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73



EDIÇÕES CNBB
SE/Sul Quadra 801 - Cj. B - CEP 70200-014
Fone: 0800 940 3019 / (61) 2193-3019
Fax: (61) 2193-3001
E-mail: vendas@edicoescnbb.com.br
www.edicoescnbb.com.br

Sumário

Editorial

- Simplesmente humanos, como Jesus 5

Mensagem do Papa

- Mensagem do Papa Francisco, assinada pelo Cardeal Secretário de Estado Pietro Parolin, por ocasião do XXXVII Meeting para a Amizade entre os Povos [Rímíni, 19-25 de agosto de 2016] 8

Mártires/Santos

- Irmã Cleusa e o *ódio fidei* a ela infligido
PE. JOSÉ RICARDO ZONTA, CP 11

Informes

- Um ideal de amor na Terra da Padroeira do Brasil
IR. MARIA INÊS VIEIRA RIBEIRO 19
- Rede um grito pela Vida: 10 anos!
PE EDEGARD SILVA JÚNIOR 22
- Salmo: cuidar e proteger a criação, nossa casa comum
IRMÃ MARIA DE FÁTIMA KAPP 24
- Encontro do Greni
IR. JOSÉ AUGUSTO JÚNIOR 26
- Iluminados para iluminar: vida, carisma e espiritualidade
de Santa Gertrudes Comensoli – exemplo de vida para os tempos atuais
IR. ELIAMAR FLORÊNCIA DA SILVA 29
- Edições CNBB
IRMÃO LAURO DAROS 37

Artigos

- A dimensão socioestrutural da opção pelos pobres
FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR 40
- Características do jovem de nosso tempo
FREI RUBENS NUNES DA MOTA 53
- Um bioma chamado Vida Religiosa Consagrada
PE. JOÃO MENDONÇA 60
- Interculturalidade da Vida Religiosa em
tempos de globalização
RAFAEL LOPEZ VILLASENOR 66
- Simplesmente humano – assim como Jesus: Reflexões sobre a essência
da Vida Religiosa
IR. DRª. MARTHA ZECHMEISTER 78

Simplemente humanos, como Jesus

Dia Dia 30 de julho comemora-se o Dia Internacional da Amizade. Em 2016, no Meeting para a amizade entre os povos, o Papa Francisco enviou uma mensagem, assinada pelo Cardeal Pietro Parolin, enfatizando que “há uma palavra que nunca nos devemos de cansar de repetir e, sobretudo, de testemunhar: o diálogo. (...) Este é o desafio diante do qual se encontram todos os homens de boa vontade”.

Na seção Mártires/Santos, Pe. José Ricardo Zonta traz a santidade da Irmã Cleusa, no contexto do amor pelos povos indígenas e do cuidado com o nosso planeta Terra, especialmente a Amazônia. Escreve o autor: “Seu assassinato ocorreu como o desfecho de uma existência profundamente marcada pelo esquecimento de si, a fim de ser grão de trigo (Jo 12,24) que se desfaz em favor do Evangelho da Vida e do anúncio de Jesus Cristo”.

Abrindo a seção Informes, Irmã Maria Inês, presidente da CRB Nacional, relata o nascimento das Irmãs Mensageiras do Amor Divino (MAD) em Aparecida, Congregação à qual ela pertence. “Era o Ano Mariano de 1954, mês mariano, cidade mariana, Aparecida – SP. Início de um modesto trabalho: três jovens, empenhadas numa vivência cristã comprometida, deixaram suas casas e suas famílias para juntas viverem um ‘ideal’. Era o ideal do ‘amor divino’ que lhe fora despertado pelos ensinamentos e orientações do piedoso sacerdote redentorista, Pe. Eduardo H. Moriarty”.

“Rede um grito pela vida: 10 anos!” Pe. Edegard Silva Júnior fala sobre os 10 anos da Rede. Expressa o padre: “A todas as religiosas e a todos os religiosos que têm levantado esta bandeira e feito da sua vida o fio que tece esta Rede, que a Mãe Aparecida interceda a Deus por esta missão da nossa CRB”.

Irmã Fátima, assessora do Setor Missão da CRB, e o “Grupo Madalena” compuseram o Salmo: “Cuidar e Proteger a Criação, nossa Casa Comum”, que se inicia com esta bela estrofe: “O nosso coração te agradece e se eleva em prece pela vida do nosso planeta. Os biomas brasileiros cantam as belezas

do Deus Criador, que cuida de tudo, com muito amor. Senhor, nós te louvamos pela vida que se expressa em nosso país, em múltipla diversidade”.

A CRB está revitalizando o Grupo de Reflexão Negra e Indígena da Vida Religiosa Consagrada (GRENI), com o objetivo de resgatar a vitalidade, originalidade cultural e valores da vida nativa e negra. Irmão José Augusto Júnior informa que, para isso, a CRB promoveu um encontro no Centro Cultural Missionário (CCM), em Brasília, de 1º a 3 de dezembro de 2016. Foram convidadas 20 pessoas, sendo um representante por regional.

Irmã Eliamar apresenta a vida, o carisma e a espiritualidade de Santa Gertrudes Comensoli, com o texto “Iluminados para Iluminar”. Na introdução, informa que “o presente artigo apresenta traços da vida, do carisma e da espiritualidade de Santa Gertrudes, fundadora das Irmãs Sacramentinas de Bérgamo. Nascida em 18 de janeiro de 1847, na cidade de Bienno, Itália, faleceu em 18 de fevereiro de 1903 e foi canonizada em 1º de outubro de 2009”.

A CNBB está traduzindo e publicando novos materiais oriundos da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. São três Documentos (1. Unidos na Escuta do Espírito; 2. Para vinho novo, odres novos; 3. Anunciai) e sete Cadernos (1. No serviço da identidade carismática; 2. No estilo sinodal; 3. No cuidado da formação; 4. No serviço da missão; 5. Na partilha dos bens; 6. No magistério da Igreja e na práxis canônica; 7. Na comunhão eclesial). Os Documentos e Cadernos serão publicados gradualmente. Mantenham-se informados com o Editorial da CNBB, por meio do telefone (61) 2193-3013, pelo e-mail editorial@edicoescnbb.com.br e pelo site www.edicoescnbb.com.br.

A seção Artigos inicia-se com o texto “A dimensão socioestrutural da opção pelos pobres”, do Pe. Francisco de Aquino Júnior, que contempla a 3ª prioridade da CRB: “Missão com opção preferencial pelos pobres”. O autor destaca a dimensão socioestrutural dessa opção. “E é precisamente sobre esta dimensão que queremos tratar neste artigo. Primeiro, mostrando como a Igreja foi tomando consciência desta questão nas últimas décadas. Depois, explicitando em que consiste a dimensão estrutural e como se dá o processo de transformação da sociedade. Por fim, indicando as formas como a Igreja vive e dinamiza a dimensão socioestrutural da opção pelos pobres ou do serviço da caridade”.

Frei Rubens aponta as características do jovem do nosso tempo, em uma abordagem sistêmica. Ele explica que “a epistemologia sistêmica nos possibilita compreender a pessoa a partir das relações que estabelece nos diversos sistemas dos quais faz parte, como família, Igreja e demais grupos sociais. (...)”

Nesta perspectiva as Juventudes devem ser compreendidas a partir da análise da ideologia do sistema, seu impacto no sistema familiar e o significado que fica na vida de cada jovem”.

“Um bioma chamado Vida Religiosa Consagrada” é um artigo significativo do Pe. João Mendonça. O autor discorre sobre a Campanha da Fraternidade 2017, mas aborda também o sentido da Vida Religiosa Consagrada, comparando-a a um bioma. Ele define bioma como uma teia de relações geradora de vida, mutações e morte. Neste sentido, é preciso ler o texto para entender por que a VRC pode ser considerada um bioma.

Pe. Rafael, membro da Equipe Interdisciplinar da CRB, reflete sobre a “Interculturalidade da Vida Religiosa em tempos de globalização”. Esclarece que “a reflexão do artigo parte da experiência de interculturalidade, do florescimento e do despertar das Igrejas jovens para a missão ad gentes, passando aos poucos de objeto para sujeito da missão, criando comunidades internacionais e interculturais. Essas comunidades são influenciadas pela nova cultura tecnológica, que proporciona relações humanas mais flexíveis, que marca a sociedade globalizada, trilhando novos caminhos da missão dentro dos novos contextos globalizados”.

Irmã Dra. Martha Zechmeister proferiu palestra por ocasião do Jubileu de Ouro da Conferência das Ordens Femininas da Áustria. Como resultado, o artigo “Simplesmente humano – assim como Jesus: reflexões sobre a essência da Vida Religiosa”. Assim inicia-se a palestra: “Prezados convidados, queridos irmãos e irmãs, alegro-me em festejar com vocês tendo o privilégio de compartilhar as minhas considerações. Gostaria de dar uma pequena contribuição colocando-nos diante da pergunta: Quem somos nós, mulheres religiosas? Aqui e agora, neste mundo e nesta Igreja?”.

Mensagem do Papa Francisco, assinada pelo Cardeal Secretário de Estado Pietro Parolin, por ocasião do XXXVII Meeting para a Amizade entre os Povos [Rimini, 19-25 de agosto de 2016]¹

Excelência Reverendíssima,

Por ocasião do XXXVII *Meeting para a amizade entre os povos*, sinto-me feliz por enviar a Vossa Excelência, aos organizadores, aos voluntários e aos que participarem, a saudação de bons votos do Santo Padre Francisco, unida aos meus votos desejando todo o bem para este evento significativo.

O título do encontro – “Tu és um bem para mim” – é corajoso. De fato, é preciso ter coragem para afirmar isto, enquanto muitos aspectos da realidade que nos circunda parecem levar para o sentido oposto. Demasiadas vezes cedemos à tentação de nos fecharmos no horizonte restrito dos próprios interesses, de maneira que os outros se tornam algo supérfluo, ou pior ainda, um incômodo, um obstáculo. Mas isto não está em conformidade com a nossa natureza: desde crianças descobrimos a beleza da relação entre os seres humanos, aprendemos a encontrar-nos com o outro, reconhecendo-o e respeitando-o como interlocutor e irmão, porque é filho do Pai comum que está nos céus. Ao contrário, o individualismo afasta as pessoas, realçando sobretudo os seus limites e defeitos, enfraquecendo o desejo e a capacidade de uma convivência na qual cada um possa ser livre e feliz em companhia dos outros com a riqueza da sua diversidade.

¹ Fonte: <https://w2.vatican.va>

Diante das ameaças à paz e à segurança dos povos e das nações, somos chamados a tomar consciência de que é antes de tudo uma insegurança existencial que nos faz ter medo uns dos outros, como se fossem um antagonista que nos priva do espaço vital e ultrapassa os confins que nós mesmos construímos. Face às mudanças de época nas quais todos estamos envolvidos, quem pode pensar em salvar-se sozinho e com as próprias forças? É a presunção que está na origem de cada conflito entre os homens. Seguindo o exemplo do Senhor Jesus, o cristão cultiva sempre um pensamento aberto em relação ao outro, quem quer que ele seja, porque não considera pessoa alguma como perdida definitivamente. O Evangelho oferece-nos uma imagem sugestiva desta atitude: o filho pródigo que apascenta os porcos e o pai que todas as noites sobe ao terraço para ver se volta para casa e espera, não obstante tudo e todos. Como mudaria o nosso mundo se esta esperança sem medida se tornasse a lente com a qual os homens se olham! O publicano Zaqueu e o bom ladrão na cruz foram considerados por Jesus criaturas de Deus carentes do abraço que salva. E até Judas, precisamente enquanto o entregava aos seus adversários, ouviu Jesus que lhe chamava “amigo”.

Há uma palavra que nunca devemos nos cansar de repetir e, sobretudo, de testemunhar: diálogo. Descobriremos que abrir-se ao próximo não empobrece o nosso olhar, mas torna-nos mais ricos porque nos leva a reconhecer a verdade do outro, a importância de sua experiência e a base daquilo que ele diz, até quando esconde atrás de si atitudes e opções que não compartilhamos. Um encontro verdadeiro implica a clareza da própria identidade, mas ao mesmo tempo a disponibilidade a pôr-se no lugar do outro para compreender, abaixo da superfície, o que agita o seu coração, o que ele procura verdadeiramente. Deste modo, podemos iniciar aquele diálogo que faz progredir no caminho rumo a novas sínteses que enriquecem uns aos outros. Este é o desafio diante do qual se encontram todos os homens de boa vontade.

Tantas desolações das quais com frequência nos sentimos testemunhas impotentes, na realidade, são um convite misterioso a encontrar os fundamentos da comunhão entre os homens para um novo início. Diante de tudo isto, nós, discípulos de Jesus, que contributo podemos oferecer? A nossa tarefa coincide com a missão para a qual fomos escolhidos por Deus, é “o anúncio do Evangelho, que hoje, mais do que nunca, se traduz sobretudo em sair ao encontro das feridas do homem, levando a presença forte e simples de Jesus, a sua misericórdia consoladora e encorajante”.²

2 FRANCISCO. *Discurso por ocasião da entrega do Prêmio Carlos Magno*, 6 de maio de 2016.

Estes são os votos do Santo Padre, que encoraja os participantes no *Meeting* a prestar toda a atenção ao testemunho pessoal criativo, na consciência de que ele atrai, ou seja, o que conquista e liberta das correntes não é a força dos instrumentos, mas a mansidão tenaz do amor misericordioso do Pai, que cada um pode haurir da fonte de graça que Deus concede nos sacramentos, especialmente na Eucaristia e na Penitência, para depois doar aos irmãos. Ele exorta a continuar no compromisso de proximidade aos outros, competindo para os servir com alegria, segundo o ensinamento do padre Giussani: “O olhar cristão vibra de um ímpeto que o torna capaz de exaltar todo o bem que existe em tudo o que se encontra, enquanto o faz reconhecer partícipe daquele desígnio cuja atuação será realizada na eternidade e que em Cristo nos foi revelado”.³

Com estes sentimentos, Sua Santidade invoca sobre Vossa Excelência, sobre os organizadores, os participantes e os numerosos voluntários do *Meeting para a amizade entre os povos* a luz do Espírito Santo para uma fecunda experiência de fé e comunhão fraterna e, enquanto pede que rezeis por ele, de bom grado concede a Bênção Apostólica.

3 L. Giussani; S. Alberto; J. Prades. *Generare tracce nella storia del mondo*. Rizzoli, Milão, 1998.

Irmã Cleusa e o *Odium Fidei* a ela infligido

“Deus, porém, me escolheu antes de eu nascer e me chamou por sua graça.” [Gl 1, 15]

PE. JOSÉ RICARDO ZONTA¹, CP

Irmã Cleusa procurou expandir o Reino de Deus ao propagar o amor pelas suas criaturas, especialmente pelas crianças (de quem foi constante educadora), pelos povos indígenas (a quem se dedicou para preservar-lhes a vida que era permanentemente ameaçada) e pela ecologia – em favor do cuidado para com o nosso planeta Terra, especificamente a Amazônia (dado que a criação, segundo o Concílio Vaticano II, é o primeiro livro no qual se pode ler a revelação de Deus – *Dei verbum*, n. 3); obras que a fé nos encoraja a realizar.

Seu assassinato ocorreu como o desfecho de uma existência profundamente marcada pelo esquecimento de si, a fim de ser grão de trigo (Jo 12,24) que se desfaz em favor do Evangelho da vida e do anúncio de Jesus Cristo.

Quem de fato fez-se *Christophoro* (expressão de São João Crisóstomo), revestiu-se de Cristo pelo Batismo (Ef 4,24; Cl 3,10), não mede esforços para testemunhar o amor, a justiça, a paz e a misericórdia. O Santo Evangelho nos assegura que o Senhor nos amou até o fim, dado que não existe amor autêntico pela metade (Jo 13,1).

Assim sendo, a oferta de Cleusa, que foi uma constante “vigilância” para manter a chama do amor sempre intensa, deu-se na missão de evangelizar

1 Padre José Ricardo Zonta é religioso passionista (CP). Pároco da Paróquia Santa Cruz – Muriae, MG. Mestre em Teologia pela EST. Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Email: mjosefinacasagrande@hotmail.com

(compreendendo-se o evangelizar não apenas como uma pregação feita de palavras, mas como uma dinâmica que envolve anúncio e testemunho. Dinâmica que implica assumir a causa dos pobres, de quem os evangelizadores, segundo os apóstolos, jamais devem se esquecer (Gl 2,10).

Ao correr para socorrer uma família ferida pela morte, com receio, mas movida pela misericórdia, Irmã Cleusa esquece de si, como nosso Senhor que “deu a vida pelas ovelhas” (Jo 10,11), que era tomado pela compaixão ao ver a dor e angústia de seu povo.

Assim se expressava São Paulo da Cruz: “Quem não ama, não sabe falar de amor. Quem não ama, não sabe perder-se no mar do amor. Quem ama, deseja ser todo fogo de amor para incendiar quem por ele passar”. Cleusa, mística do cuidado, sabia o que significa ser impelida pelo amor, o que significa ser possuída pelo amor, o que significa consagrar-se ao amor de Deus.

A perspectiva de vida de Irmã Cleusa será sempre atual porque assinala o cerne do Evangelho: ela foi uma pessoa abrasada de amor. Por exemplo, observamos que ela impostou a sua consagração considerando o que afirma o Papa Francisco (EG, LS) e o atual Plano de Ação da CRB nacional: todo(a) religioso(a) deve viver a sua missão em saída, de forma itinerante, integrando mística e profecia, para que haja relações humanizadoras e solidárias dentro das Congregações e no mundo, a fim de que os pobres sejam a prioridade de todo(a) consagrado(a). Cleusa torna-se também uma luz para a intercongregacionalidade, dado que o seu testemunho santo recorda a todos(as) os(as) consagrados(as) a “pedra de toque” da Vida Religiosa Consagrada. É a partir de exemplos como o dela que devemos revitalizar a VRC.

Sua consagração foi uma obstinada saída que a colocava a todo instante no horizonte de Jesus Cristo. Ela sabia que uma virgem prudente não dorme (Mt 25,1ss). E, como religiosa, o que mais buscou foi despertar o mundo para a vida de Igreja, para o amor pelos seres humanos, para o cuidado que devemos ter pela natureza. Todo consagrado está marcado pelo êxodo, pelo desinstalar-se até desfazer-se, a fim de que “já não seja ele a viver, mas Cristo a viver nele”. O consagrado, a consagrada, são uma “tenda do Espírito”.

Ao sair para socorrer pessoas, em meio às águas do rio, sacolejada pela barca da insegurança e da incerteza, Irmã Cleusa vai como as bênçãos daquele que andou sobre os mares bravios e as ondas fortes (Mt 14,25). Ela vai com a coragem de Paulo e de tantos outros que sabem que na barca da Igreja o Senhor se faz presente (Mt 8,23-27). Ela vai, enquanto consagrada, para cumprir a sua missão de “despertar” o mundo para o Mistério da Igreja e os valores do Evangelho, ao esvaziar-se, humilhar-se como o seu Senhor (Fl 2,1-11).

Ao descer o rio na direção de uma família ferida pela violência, Cleusa “samaritana” tem a preocupação de cuidar dos irmãos que estão à beira do caminho (Lc 10,34). Ela levava no peito uma cruz e, no coração, o que disse Jesus: “Não tenham medo dos que matam o corpo, mas não podem matar a alma” (Mt 10,28). Quem foi ungida pelo Espírito Santo e consagrou-se ao amor, tem em si o óleo da misericórdia e, enquanto não se derrama com esse óleo no altar do mundo, sabe-se distante da meta, longe da estatura do seu Senhor (Ef 4,13)! Por isso,

(...) a força das testemunhas não é a de arco distendido, porém a de queda d’água que brota irrefreável. Colocados em situação de choque frontal com as potências anti-evangélicas, demonstram confiança, segurança alegre, orgulho.²

Todavia, o martírio é uma possibilidade ofertada por Deus de continuar, através de seu Filho, a ofertar-se novamente no altar do mundo, em favor do mundo, por meio da sua Igreja. Irmã Cleusa não procurou o martírio, pois ela sabia que só a fidelidade de Deus pode realizá-lo. Todavia, sem suplantar a sua liberdade, Deus quis possuir Cleusa com o Espírito que dá testemunho diante dos homens até a morte, se preciso for (Mt 10,19-20).

O martírio e a vocação martirial não são o fruto de esforço e de deliberação humana, mas a resposta a uma iniciativa e a um chamado de Deus, que, convidando a este testemunho de amor, plasma o ser da pessoa chamada, conferindo-lhe a capacidade de viver esta disposição de amor.³

Toda adesão a Cristo é uma inserção no Mistério da Encarnação, Vida, Paixão, Morte e Ressurreição. Quem não sabe o que significa assumir a condição do outro, fazendo-se pecado se preciso for, para manifestar a justiça de Deus (2Cor 5,21); quem se contém retendo os dons que foram dados para o bem comum; quem não vive a dimensão da *martíria*, para completar em si o que faltou à Paixão de Cristo (Cl 1,24); quem não morre misticamente e até existencialmente, como no caso de Cleusa, para ver na sua fraqueza a força de Deus (2Cor 12,9-10); quem não vive, mas apenas celebra o Mistério de Cristo, este, nunca se torna um incenso de suave odor, nunca vai compreender o que significa “trazer em seu corpo as marcas de Cristo” (Gl 6,17), para ver em seu corpo os efeitos da ressurreição. Por isso, o teólogo Jhon Batista Metz, chamava a Eucaristia de “memória perigosa”. E sabemos que “a teologia do martírio está baseada na morte de Cristo e em seu significado”.⁴ O Senhor que entregou-se na cruz para a nossa salvação, nos ensinou que “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus irmãos” (Jo 15,13).

2 SPINSANTI, S. Mártir. In: *Dicionário de espiritualidade*. Paulus: São Paulo, 1993, p. 706.

3 Ibidem, p. 701.

4 Idem.

O sacrifício de Jesus, mistagógicamente celebrado ao longo do Ano Litúrgico, seja pela Liturgia das Horas, seja pela Santa Eucaristia, é um sacrifício que compromete e crucifica o crente (Gl 2,19a), tornando-o portador de uma mensagem que, enquanto não for absorvida pela humanidade, continuará a aspergir o “Sangue do Cordeiro” por meio da Igreja servidora, até que o ciclo mimético de violência seja superado na escatologia da Redenção Final. Mas, até lá, todo cristão é chamado a dar o supremo testemunho de amor martirial diante dos seus perseguidores, se a missão assim o pedir.⁵ “Como dizia Von Balthasar, o cristianismo que dá mártires não é o dos “professores”, mas o dos confessores. Onde se encontra e se experimenta a salvação, o cristianismo é “caso sério”, do contrário, todo o resto pode não passar de “caso interessante”.⁶

Por isso, enquanto vivia a sua vocação e missão, feita com tamanha doação, Irmã Cleusa provocava o ódio de quem se sentia ameaçado pelo Evangelho que ela anunciava, enquanto palavra de fraternidade, de respeito pelos seres humanos, de cuidado para com a obra da criação. Nosso Senhor afirmou: “se fizeram isso com o lenho verde, o que não farão com o lenho seco?” (Lc 23,31).

O *odium fidei* que Irmã Cleusa provocou no jagunço, autor do seu assassinato, mas especialmente naqueles que há algum tempo articulavam a sua morte, é o ódio de quem não crê no Deus amor, nem aprova as obras da fé. Um ódio dirigido não apenas à Irmã Cleusa, mas a toda a Igreja que, em sua pessoa, também foi golpeada. Pois, “quando um membro do corpo sofre, todo corpo sofre com ele” (1Cor 12,26).

Jesus, quando do seu julgamento e condenação, lançou uma pergunta: “Se falei mal, me diz o quê? Mas se falei bem, porque me bates?” (Jo 18,23-24). Esse ódio incompreensível para os que têm fé, de onde vinha? De corações que não reconheciam as obras que Ele tinha realizado, porque eram obras do Reino de Deus, não do reino dos homens.

Ainda quando do seu julgamento, Jesus enfatizou: “o meu Reino não é deste mundo. Se o meu Reino fosse desse mundo, mandaria anjos para me defender. Mas o meu Reino não é daqui” (Jo 18,36). Ou seja, o duelo entre o que é de Deus e o que não é, manifestou-se em seu julgamento. E é este mesmo combate que vemos sempre que um cristão é martirizado. Os padres da Igreja, em especial Santo Agostinho, “(...) nos convidavam a ver nas paixões dos mártires outras tantas fases da guerra entre Cristo e

5 LG, n. 42.

6 SPINSANTI. Op. cit., p. 707.

as potências do mal e a contemplar, cheios de admiração, as lutas que o Senhor trava nas pessoas de seus fiéis soldados”.⁷ Então, sobre o mártir lança-se aquele ódio lançado sobre Jesus, dado que o Reino do mártir cristão também não é desse mundo e o seu martírio é uma atualização do Mistério da Santa Paixão, porque é Cristo a morrer com o mártir. O cristão entrega-se ao viver o martírio da esperança.

O *odium fidei* vivido por Irmã Cleusa veio do fato de as pessoas implicadas em seu assassinato não aceitarem as obras que ela realizava por causa da fé que testemunhava: uma fé que acredita em coisas que não se vê, e, por isso, espera (Hb 11,1); mas também uma fé que se demonstra com obras (Tg 2,18). Ela foi golpeada pelos que não sabem o que significa “a armadura de Deus, o capacete da fé, a couraça da justiça” (Ef 6,13-17).

A fé que Irmã Cleusa testemunhou pela virtude da fortaleza, enquanto Igreja, é uma fé que não se curva diante das injustiças e do desrespeito à dignidade humana. Se ela se amedrontasse frente a tais coisas, cederia ao pecado da omissão e da indiferença, renunciaria a virtude da fortaleza, faltaria com a justiça. Ela sabia que isso tudo provocava ódio naqueles que se deixavam dominar pelo mal, entretanto, ela amava mais o seu Senhor, a sua Igreja, os seus irmãos, que a si mesma. Cleusa ouvia com frequência a voz do Mestre: “Aquele que perde a sua vida por causa de mim, vai achá-la” (Mt 10,39). No horizonte de seu testemunho estava a fé que sabe: “a felicidade do cristão está baseada numa promessa”,⁸ em um projeto que não é meramente construção humana, política, mas que permanece como luz para todos os sistemas econômicos e sociais, até que Deus o realize por nós e em favor de nós, na escatologia final.

Nesse sentido, o assassinato de Irmã Cleusa, não se deu em um contexto apologético, mas em um contexto querigmático. A promessa contida no Reino que ela anunciava e difundia, em nome da Igreja e da sua Congregação, através da catequese e da evangelização, apresentava um tipo de bem-aventurança, de felicidade, que não pode ser acolhida por aqueles que se deixam dominar pelas artimanhas do poder temporal. O anúncio enfático de Cristo, a mensagem querigmática, coloca os seres humanos diante de um Mistério que pede adesão ou rejeição. E rejeição esta que muitas vezes se volta contra quem testemunha ao anunciar. Cleusa confessou a sua fé, confessou e não titubeou: “o Senhor me amou, se entregou por mim” (Gl 2,20) e não deseja que no mundo existam mais vítimas. Por isso, o seu mandamento maior é o “amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,14).

7 SANTO AGOSTINHO. Sermão 113, II, 2, PL 38, 1423. *In*: SPINSANTI. Op. cit., p. 702.

8 SPINSANTI. Op. cit., p. 707.

As obras de Irmã Cleusa a favor dos povos indígenas provocaram o ódio de muitos latifundiários e grileiros. Sua ternura para com os primeiros povos do continente sul-americano não podia ser aceita, dado que o capitalismo honra e propaga o ídolo dinheiro (Mt 6,24). Os que servem a Deus e ao dinheiro odeiam os que só servem a Deus.

Por isso, enquanto testemunha de verdades da nossa fé, que tombou como Igreja perseguida por causa do Mistério de Cristo que a envolvia e que causava ojeriza nos seus inimigos, podemos identificar sinais claros do martírio cristão na vida de Irmã Cleusa. Até porque a maioria dos mártires dos nossos tempos “são condenados como traidores ou perturbadores da ordem pública. E geralmente não são eliminados por meio de processo ordinário (como ocorria entre os primeiros cristãos), mas ocultamente”.⁹

Irmã Cleusa recebeu as marcas da Paixão, porque foi “ferida de amor” pelo seu Senhor! Seu assassinato foi o coroamento de uma vida feita de despojamento; uma vida feita de êxodo, “esquecida do passado (de si), para lançar-se sempre e de novo em direção da meta – do alvo” (Fl 3,13-14).

Seu assassinato foi fruto do ódio que ela também nutriu pelo pecado, a injustiça, a discriminação dos povos indígenas e a falta de admiração para com a natureza. O ódio que testemunhamos contra as obras das trevas se volta contra nós. E infeliz de quem não compreende estas palavras:

“Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus! Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós” (Mt 5,10-12).

A graça que nos conquistou para Cristo, o amor que nutrimos por Cristo, também são causa de ódio naqueles que não aceitam os mistérios da fé e que não se deixam mover por ela. Em alguns momentos, o bem que fazemos transforma-se no mal pelo qual sofremos, assim como aconteceu no Monte Calvário. Por isso: quem não ama, quem não ousa amar, quem não mergulha no mar do amor, não sabe falar de amor, não conhece o amor! É por eles que o mártir também morre.

Foi nesse sentido que Irmã Cleusa ainda quis conversar com o seu algoz. Sua última tentativa foi a de dissuadi-lo, de convertê-lo, de transfigurá-lo. Por ele, ela também morreu, porque, como dizia São Francisco, “o amor não é amado”. A mão que ele cortou do seu corpo e nunca foi encontrada deve ter abençoado aquele homem. Aquela mão chagada e desaparecida é

9 Ibidem, p. 700.

testemunha de que o mártir morre também pelos que odeiam as suas obras, dado que o Senhor o faz compreender que “tanto os oprimidos, quanto os opressores são vítimas do mal”.¹⁰

Por aquele descabido ódio, o teu corpo, Cleusa, em suplício foi levado. Àquelas águas, figura do nosso batismo, teu sangue foi misturado. Naquela mata, testemunha das tuas últimas palavras: “Raimundo, deixa eu falar contigo”, a tua consagração foi plenificada. Os teus perseguidores, tu também amavas. Naquela barca, aquela barca, a barca, que é a Igreja, ainda te leva, pois, pela glória de Deus que habitou em ti, ela foi honrada.

Cariacica, 2 de janeiro de 2017

ORAÇÃO DE LIBERTAÇÃO

PE. JOSÉ RICARDO ZONTA, CP

Senhor, que a tua bondade me sustente,
 que a tua mão me oriente,
 que a tua paciência me ampare,
 que a tua transparência me possua,
 que a tua misericórdia me anime,
 que o teu amor me redima,
 que o teu perdão me renove,
 que a tua paz me acalme,
 que o teu silêncio me faça contemplar,
 que o Senhor intervenha quando eu precisar,
 que afaste de mim as pessoas que não me querem aceitar,
 que não me deixe afastá-las para a elas não me igualar,
 que a tua verdade possa derrubar os que armam ciladas
 e não aprenderam amar,
 que aqueles que muito exigem dos outros, possam o seu vazio enxergar,
 que mergulhem nas suas lembranças e possam, pelo teu Espírito, se renovar,
 que não queiram dos outros o que nunca sabem ofertar,
 que vejam as suas misérias e possam se reconciliar
 com um passado que as machuca e que não as deixa avançar,
 olhar para o futuro e recomeçar,
 porque a vida é dinâmica e se pode sempre mudar.
 Senhor, que os falsos avaliadores,

¹⁰ Ibidem, p. 707.

sentados no teu trono de julgar, se envergonhem,
por tantos dos teus filhos que vieram a condenar,
que eles fiquem confusos ao roubarem teu lugar,
e que o Senhor os destrone, pois, não é lícito a ninguém
humilhar ou caluniar.

Com a medida com que julgaram, possa o Senhor os julgar,
que não tenham um peso nem maior, nem menor,
mas apenas o que são acostumados a usar.

Senhor, que ninguém me peça o que não posso dar,
que eu dê de sobra o que me deste para partilhar.

Que eu nunca me canse dos outros, mas venha me livrar
das armadilhas que os carentes e perversos sabem armar,
aqueles que cronologicamente e psicologicamente distam no tempo,
no espaço e no lugar.

Senhor, me cubra com a tua graça para me alegrar,
mesmo na fornalha ardente que eu saiba cantar.

Os meus sonhos, ninguém possa roubar.

Minha vida, se ferida, seja só para te exaltar.

Te dou o que é teu: meu ser, meus bens, minha pobreza, meu eu,
que o Senhor se dê a mim todos os dias, meu bom Deus!

Um ideal de amor na terra da Padroeira do Brasil

IR. MARIA INÊS VIEIRA RIBEIRO, MAD – PRESIDENTE DA CRB NACIONAL.

“Não fostes vós que Me escolhestes, mas fui Eu que escolhi a vós e vos constituí para que vades e produzais fruto, e o vosso fruto permaneça” (Jo 15,16)

“Era o Ano Mariano de 1954, mês mariano, cidade mariana, Aparecida – SP. Início de um modesto trabalho: três jovens, empenhadas numa vivência cristã comprometida, deixaram suas casas e suas famílias, para juntas viverem um ‘ideal’. Era o ideal do ‘amor divino’ que lhe fora despertado pelos ensinamentos e orientações do piedoso sacerdote redentorista, Pe. Eduardo H. Moriarty, e precisava desabrochar pela vida de oração e de serviço aos irmãos”.

Assim iniciam as primeiras páginas das Constituições das Irmãs Mensageiras do Amor Divino, Congregação fundada pelo Pe. Eduardo H. Moriarty, CSsR, e pela Madre Felicidade de Lourdes Braga, conhecida como Felicy.

A Madre costumava dizer, com muito carinho: “Nossa Senhora quis suas filhas aqui na sua terra e por enquanto somos a única Congregação nascida aos seus pés”.

Acredito que, para cada cristão(ã) brasileiro(a), leigo(a) ou consagrado(a), o momento que estamos vivendo é muito significativo e abençoado: é o Ano Nacional Mariano, iniciado no dia 12 de outubro de 2016, celebrando os 300 anos do encontro da imagem pequenina nas águas do rio Paraíba. Para nós, Mensageiras, nascidas na terra da Padroeira do Brasil, é um tempo privilegiado.

O que significa para mim ser membro de uma Congregação que tem suas raízes na terra de Maria? Em primeiro lugar, é um convite a rever também

nossas raízes carismáticas e o compromisso de fidelidade a Jesus, o Filho querido, que amou os pequenos e os pobres e por todos(as) deu a vida! Em que contexto surgiu nosso Instituto? O que levou nossa Madre Felicy a iniciar essa obra?

Sabemos que ela vivia a serviço do Reino, como adolescente e jovem na Matriz Basílica de Aparecida, também Paróquia. Dedicava-se aos movimentos de então, Filhas de Maria, Cruzada Eucarística e outros. Já sob a orientação de Pe. Eduardo, acompanhava jovens e adultos, cultivando a espiritualidade através da oração pessoal, dos retiros e do apostolado. Dedicou-se com muito empenho aos Retiros Espirituais, missão “número um” das Mensageiras.

Era também responsável pelo Programa na Rádio Aparecida intitulado “Escadinha do céu”. O programa motivava as pessoas a se sensibilizarem pelas necessidades dos outros, principalmente os mais pobres. Ela chamava a atenção para as reais necessidades da periferia de Aparecida e convidava as pessoas a partilharem.

Foi assim que sua casa se tornou um “centro de partilha”. As pessoas partilhavam remédios, roupas, alimentos, muletas, colchões, promoviam troca de livros e muito mais, e Felicy levava a quem concretamente precisava. Os ouvintes conheciam as necessidades, e as doações tinham “endereço certo”. Apareceram também as dificuldades! A família estava sendo sobrecarregada! Do ardor missionário de Felicy, na evangelização e no serviço aos pobres, nasceu a Congregação. É sua a frase: “Saí de casa por causa dos pobres”.

O Ano Nacional Mariano para nós, Mensageiras do Amor Divino, é tempo forte de rever nossa missão e nosso serviço, enraizadas na mística de Aparecida. A imagenzinha surgiu das águas do Rio Paraíba nas mãos de pobres pescadores, na luta pela própria sobrevivência: pescar algum peixe para a visita que passava pela região.

A Conferência dos Religiosos do Brasil, em sintonia com o Ano Nacional Mariano, em sua missão de animar a Vida Religiosa Consagrada, escolheu como primeira prioridade “Integrar mística e profecia”, tendo como um dos seus Projetos “Resgatar e aprofundar a Espiritualidade Mariana”. Para tal, lançou no mês de março um subsídio denominado *Leitura Orante da Palavra de Deus*. E mais, a Imagem Peregrina de Aparecida, entregue à CRB no dia 3 de outubro de 2016, está percorrendo todas as 20 Regionais do Brasil fazendo crescer em nós o amor a Maria, mulher orante e solidária, nas urgentes necessidades, ontem e hoje.

Também o Horizonte Inspirador da CLAR nos impulsiona: “Saíamos depressa ao encontro da vida!” (Visitação – Lc 1,39-45).

Que a Mãe Aparecida desperte a todos(as) nós. Ela nos trouxe Jesus e é com Ele que “saímos” cheios(as) de entusiasmo, ousadia e profecia para evangelizar! Nossa Congregação tem como específica missão a promoção dos Retiros Espirituais, a Catequese em todos os níveis e modalidades e o serviço aos mais pobres. Que nos ajude a prosseguir no nosso Carisma, com fidelidade criativa.

Mãe Aparecida, fortaleça o ardor de todas(os) as(os) Consagradas(os) do Brasil para o serviço à vida, onde está mais ameaçada. Não nos deixe perder a esperança nesse conturbado tempo que vivemos em nosso país. Ajude-nos a avançar, com coragem, alegria e esperança!

Dai-nos a bênção, ó Mãe querida, Nossa Senhora Aparecida!

Brasília, 4 de abril de 2017

Rede um grito pela Vida: 10 anos!

PE EDEGARD SILVA JÚNIOR, PROVINCIAL DOS SALETINOS NO BRASIL

Quando se fala de “tráfico de pessoas” ou “tráfico humano” o que geralmente muita gente recorda?

Muitos recordam a iniciativa de uma emissora de televisão, que, em 2012, lançou uma novela em horário “nobre”, chamada “Salve Jorge”. O enredo, desenvolvido em 179 episódios, tratava do tráfico de pessoas. Evidente que tiveram que “enfeitar” o desenrolar da “estória” para facilitar a audiência. Mesmo sendo uma ficção, não deixou de ser um momento interessante, sobretudo pela “força” que tem uma telenovela em nosso país.

Outros recordam a iniciativa da CNBB em lançar no ano de 2014 a Campanha da Fraternidade com o tema: “Fraternidade e tráfico humano”. Para nós, foi importante essa causa ter sido abraçada pela Igreja Católica, sobretudo pela abrangência que tem a Campanha da Fraternidade. Mas, recordo de situações que ouvimos, como a do Padre que disse que o tema não ter nada a ver com a paróquia onde ele estava, porque lá não havia problema do tráfico de pessoas. Por outro lado, parece que ficou no nosso coração o refrão do hino: “É para liberdade que Cristo nos libertou, Jesus libertador”.

Passou a novela, passou a CF, e o tráfico continua, mas continua também um trabalho de certa forma “silencioso” e sem a força midiática, mas eficaz e profético: falo da “Rede um grito pela vida”, da Conferência dos Religiosos do Brasil.

Esta Rede está completando 10 anos. Ela estendeu seus fios por todas as partes deste imenso país. E não pode ser diferente, pois esse mal afeta toda

a sociedade brasileira, não escapa nem a pequena cidade do interior, nem a grande capital.

Por isso, é preciso que a Vida Religiosa Consagrada esteja atenta e vigilante, seja no trabalho preventivo, seja no enfrentamento dos casos, que não são fictícios, mas parecem o roteiro de um filme verdadeiro.

Neste breve texto, não quero falar sobre o “tráfico”, mas sobre a “Rede”! Ir. Eurides tinha solicitado que eu fizesse um “filme caseiro” sobre os 10 anos da rede. Só agora foi possível. Pensei comigo: que música poderia ser a trilha sonora? Lembrei-me da interpretação “Bachianas Brasileiras 5” de Villa Lobos. Nessa versão, ela começa com muitos aplausos. Palmas para vocês, queridas e queridos! Vocês que se dedicam a esta missão e entendem a Vida Religiosa Consagrada como serviço a esta causa. Em uma leitura “interdisciplinar” da VRC, esta realidade perpassa por todos os carismas.

Após os aplausos, começa a sinfonia, que nós aprendemos a balbuciar. Ela ganhou o mundo... Essa sinfonia é tocada em todos os continentes. Essa foi a outra intencionalidade: a realidade do tráfico humano é uma realidade com implicações internacionais. Esta missão as vezes é vista como algo tão pequeno! Que ela possa ganhar o mundo e a Força do Ressuscitado, que nos encoraje a defender a vida que se encontra acorrentada.

A todas as religiosas e os religiosos que têm levantado esta bandeira e feito da sua vida o fio que tece esta Rede, que a Mãe Aparecida interceda a Deus por esta missão da nossa CRB. Com nossa profetisa, haveremos um dia cantar: “Virá o dia em que todos, ao levantar a vista, veremos nessa terra reinar a liberdade”.

Salmo: cuidar e proteger a criação, nossa casa comum

IRMÃ MARIA DE FÁTIMA KAPP¹, SSPS, GRUPO MARIA MADALENA²

Jesus Ressuscitado! Tu és o Senhor da vida e do amor!

O nosso coração te agradece e se eleva em prece pela vida do nosso planeta. Os biomas brasileiros cantam as belezas do Deus Criador, que cuida de tudo, com muito amor. Senhor, nós te louvamos pela vida que se expressa em nosso país, em múltipla diversidade.

1. Bendito sejas tu, Senhor Ressuscitado, que caminhas ao nosso lado e a ninguém deixas desamparado. Somos gratos pela **Caatinga**. Queremos, com a Luz de teu olhar resplandecente, contemplar e cuidar deste bioma que cobre o solo nordestino, que, com suas belezas raras, eleva a ti um hino de gratidão, tanto na mata, como no sertão. As plantas todas, e entre elas o Mandacaru e o Juazeiro, interpelam a cada ser humano, solicitando proteção, amor e dedicação.

2. Bendito sejas tu, Senhor da vida, pelo **Cerrado**, que nos impele a ter o maior cuidado, pois este bioma já se encontra bem deteriorado pela ganância humana. Os frutos do cerrado, baru, buriti, araticum, pequi e mangaba, conclamam cada brasileiro ao compromisso verdadeiro com esta terra amada.

1 Assessora do Setor Missão da CRB Nacional.

2 Um dos Grupos de Gincana organizados pelo Setor de Comunicação, formado por religiosos/as e leigos/as da CRB, com os objetivos de aprofundar o tema da CF 2017 e criar um clima pascal.

3. Bendito sejas tu, Senhor, Deus Criador, pelos **Pampas ou Campos do Sul**, onde o colorido do céu azul toca nossa alma e nos leva a admirar as lindas planícies, superfícies esverdeadas, mas já prejudicadas pelo uso e abuso que afetam a sua exuberância. Senhor, toca o coração de cada pessoa, na qual ressoa a tua bondade, para que aja com responsabilidade no usufruto dos bens que pertencem a todos os seres criados.

4. Bendito sejas tu, Senhor, Deus Trindade, por tanta diversidade que a **Amazônia** nos revela! Este bioma ocupa 40% do território nacional. É notória a sua relevância para todo o universo. A Amazônia é considerada o pulmão da humanidade, grande tesouro nacional e internacional, com a maior biodiversidade do mundo. Encontra-se ameaçada em sua natureza e em seus povos que lá existem e resistem ao desmatamento, o qual fere a alma da mata e tira todo o seu encantamento.

5. Bendito sejas tu, Senhor! Alegramo-nos e fazemos festa com a **Mata Atlântica**, uma das mais importantes florestas do planeta. Mas, infelizmente, está em processo de extinção. Porém, acreditamos no sucesso da conscientização para o cuidado ecológico a que todos são chamados.

6. Bendito sejas tu, Senhor Deus, pelo **Pantanal**, a maior planície inundável do mundo. A sua vegetação é sinal da ação do teu Espírito de vida. O Pantanal forma um mosaico, sem igual, de plantas do Cerrado, Floresta Amazônica e Mata Atlântica.

Senhor Ressuscitado! Todo cristão que proclama o teu nome não pode ficar calado diante desta realidade. A tua Páscoa ecoa como passagem para a vida nova e nos convida à “Saída” das situações de morte e a abriremos o coração para o cuidado da Casa Comum, confiantes em tua ressurreição. A Páscoa será mais feliz se ouvirmos o canto dos povos e de todas as criaturas clamando por vida e segurança! Vida plena, em abundância! Amém!

Brasília, 4 de abril de 2017

Encontro do Greni

IR. JOSÉ AUGUSTO JÚNIOR, FMS.

Para resgatar a vitalidade, originalidade cultural e valores da vida nativa e negra, a CRB Nacional realizou o encontro Grupo de Reflexão Negra e Indígena da Vida Religiosa Consagrada (GRENI), a fim de pôr em prática uma de suas prioridades e metas, que é a revitalização deste Grupo. “Estamos em processo de reflexão e busca para discernir como melhor responder às interpelações desta dimensão”, disse Irmã Fátima na acolhida aos participantes. A atividade foi realizada no Centro Cultural Missionário (CCM), em Brasília, de 1º a 3 de dezembro de 2016. Foram convidadas 20 pessoas, sendo um representante por regional. Vale destacar que todos esses irmãos e irmãs já participaram do GRENI.

Irmã Fátima, na abertura, fez referência ao tempo litúrgico do Advento, à Maria do Advento, a este tempo de espera, tempo novo, tempo de recomeçar. Tempo de Advento e reerguimento do GRENI, que será um momento histórico para marcar a trajetória deste grupo. “Em meio a tantos desafios neste ano de 2016, justamente no Advento surge esta luz. Reerguer um Grupo que estava adormecido, este que fez História e contribuiu muito na Vida Religiosa Consagrada”, concluiu Irmã Fátima.

Irmã Maria Inês, presidente da CRB Nacional, que esteve presente na abertura, aproveitou o cenário bem preparado de acordo com a luta do GRENI para reforçar que este também era um Advento, uma espera. Disse ao grupo presente que desde 2014 fazia este questionamento: “Por que o GRENI morreu? E ver o encontro acontecer dá uma grande alegria”. Ela recordou a citação de Isaías que ilumina o triênio da CRB Nacional: “eis

que estou fazendo uma coisa nova”. A Irmã encorajou o grupo a avançar, pois a CRB Nacional apoia o GRENI, e nele aposta e acredita.

Quanto à metodologia, o grupo fez memória do GRENI e pensou no futuro, de forma vivencial, com falas e contribuições do que o GRENI tem trazido de bom para a Vida Religiosa Consagrada. Foi um rico mosaico de testemunhos pessoais.

Esse exercício de retomada nos deu a certeza de que em algum lugar nós chegaremos, apesar de não sabermos quando nem onde. Surge o desejo de olhar o passado com gratidão, sem parar lá atrás, para com os pés no hoje olharmos e planejarmos o futuro com esperança.

Seguindo a proposta metodológica, a retomada histórica e a elaboração das perspectivas para o GRENI, o encontro teve como foco: passado, presente e futuro, com o compromisso dos participantes de levarem para os regionais o resultado do encontro.

Para relembrar a história, Irmão Maicon Donizete, marista, partilhou sua experiência com o GRENI. Em diálogo realizado por meio de videoconferência, ele disse ao grupo que “o GRENI é como elemento fundante. Quando brota da naturalidade e o do coração das pessoas, é importante. Não precisamos institucionalizar, mas acompanhar sistematicamente. É importante enquanto CRB Nacional criar estes espaços de reflexão dentro da VRC. A CRB enquanto instituição tem o papel fundamental de motivar e estimular, e isto ajuda a fortalecer as bases e criar nas pessoas alegria pela causa, além de alimentar nos regionais estes espaços. É importante lembrar que o GRENI não é espaço de muita gente. Como no tempo de Jesus, um espaço de luta e resistência nunca foi espaço de muita gente”.

À luz da fala do Irmão Maicon e das experiências pessoais, o grupo elencou situações e fatos ocorridos na trajetória do GRENI que não podemos repetir, e aspectos que devem ser lembrados e cultivados. Depois, os participantes fizeram um “toró de ideias” a partir de intuições, que precisam amadurecer para o GRENI acontecer e reflorescer!

Por fim, foram separadas as respostas dos trabalhos em linhas de ação: animação e formação; articulação; acompanhamento; produção e publicação. Em grupos, foram elaboradas sugestões para cada linha de ação. Segue síntese:

1 – Animação e formação. Objetivo: Resgatar na VRC a espiritualidade e cultura afro/indígena e interculturalidade. **1.1** – Participar da programação da CRB (JUPIJ e seminários Juventudes) para refletir a questão afro/indígena; **1.2** – Levar a pauta do GRENI para a Diretoria Nacional e

Coordenações Regionais; **1.3** – Incentivar o estudo do livro *Ternura e Resistência* nos grupos do GRENI; **1.4** – Promover um Seminário Nacional para a VRC sobre a temática do GRENI e interculturalidade.

2 – Articulação. Dois pontos: **2.1** – Que a CRB faça uma carta oficial para as Congregações a fim de resgatar a caminhada da história do GRENI em nível nacional, regional e local; **2.2** – Criar nos regionais modelos de articulação para o GRENI no estilo das novas gerações.

3 – Acompanhamento. **3.1** – Suscitar atividades da CRB relacionadas ao povo negro e indígena; **3.2** – Orientar os regionais para que se organizem; **3.3** – Acompanhar a animação e formação onde está sendo criado o GRENI e onde já existe.

4 – Produção e publicações: **4.1** – Publicar um artigo sobre o GRENI na Revista *Convergência*; **4.2** – Comunicações no *site* da CRB sobre o encontro atual; **4.3** – Compilar estudos afro/indígenas, com o objetivo de publicar um livro pela CRB Nacional; **4.4** – Pesquisa histórica sobre o GRENI até os tempos atuais.

Após esse itinerário, os participantes tiveram a oportunidade de se encontrar com a Diretoria Nacional, que se encontrava em reunião em Brasília. Na oportunidade, Frei Fábio e Irmã Josefa, escolhidos pelo grupo, pediram à Diretoria da CRB nacional que olhasse com carinho para o GRENI e para as propostas surgidas deste encontro nacional do GRENI.

Terminamos o encontro com a feliz constatação de que na história do GRENI há uma trilha por onde muita gente caminhou, e que precisamos resgatar para quem está chegando. Neste resgate, é necessário caminhar, ir ao povo, cantar, celebrar e dançar com ele. Precisamos fazer de fato ressoar este grito que está escondido, mas que nunca para. Devemos seguir, sempre em frente, mesmo que com passos lentos. Não somos mais um, dois, três, e sim, muitos. Vamos fazer acontecer, como diz o poeta Zé Vicente em sua música: “Eu quero ver acontecer um sonho bom, som sonho de muitos acontecer...”.

Iluminados para iluminar

Vida, carisma e espiritualidade de Santa Gertrudes Comensoli - exemplo de vida para os tempos atuais

IR. ELIAMAR FLORÊNCIA DA SILVA¹

Introdução

O presente artigo apresenta traços da vida, carisma e espiritualidade de Santa Gertrudes, fundadora das Irmãs Sacramentinas de Bérghamo. Nasceu em 18 de janeiro de 1847, na cidade de Bienno, Itália, faleceu em 18 de fevereiro de 1903 e foi canonizada em 1º de outubro de 2009.

Foi menina meiga e vivaz, jovem corajosa, firme e dedicada à oração, mulher sensível, humana e de profunda espiritualidade. Foi religiosa profundamente eucarística, capaz de passar longas horas em adoração diante de Jesus, deixando-se plasmar pelo desejo de amá-lo e fazê-lo amado.

Por meio de pequenos relatos de sua autobiografia, será possível perceber traços da espiritualidade de seu tempo, valores e empenhos que ela assumiu como fonte inspiradora de toda sua vida e da vida do instituto. É constante em seus escritos o primado da Eucaristia, como única fonte capaz de saciar a fome de seu coração. Assim ela expressava: “Jesus

1 Sacramentina de Bérghamo

Eucaristia, meu paraíso na terra”, e ainda: “Um dia sem Eucaristia é como um dia sem sol!”.

Uma leitura atenta dos seus escritos permite individuar aspectos eucarísticos essenciais para quem deseja aprofundar o sentido da adoração e da contemplação de Jesus Sacramentado. Para ela, a adoração é a ponte que liga uma celebração Eucarística a outra e nos permite manter sempre os olhos fixos em Jesus. Cristo continua se imolando todos os dias e todas as horas em nossos altares, para que não falte na vida de cada cristão o pão capaz de saciar todas as fomes. A nós o Senhor continua insistentemente repetindo: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16).

Experiência espiritual de Santa Gertrudes

“Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus”. (Mt 5,14-16)

A dimensão espiritual marca significativamente a vida do ser humano, em diferentes épocas e realidades. É uma luz capaz de contagiar e irradiar, é força inspiradora do Espírito Santo agindo e transformando o coração humano. Leonardo Boff, ao falar sobre espiritualidade afirma que **“ser espiritual é despertar a dimensão mais profunda que está em nós, que nos torna sensíveis à solidariedade, à cooperação, à compaixão, à fraternidade universal, à justiça para com todos, à veneração e ao amor incondicional. E controlar seus contrários”**.

Com muita frequência nos sentimos hoje prisioneiros do tempo presente, do barulho, da correria frenética do mundo moderno, fazendo com que o ser humano se sinta muitas vezes distante do seu próprio eu. Essa dificuldade para situar-se leva a um vazio, a uma angústia e a uma sensação de desilusão frente à vida. A espiritualidade então se apresenta como um caminho no qual a pessoa pode atingir o ponto mais elevado de tudo aquilo que a sensibilidade, os anseios, as buscas e a cultura são capazes de exprimir. Constitui uma experiência essencial que ainda hoje floresce e que permite aos corações elevar-se livremente para os céus.

Para Santa Gertrudes, o Sacrário é o lugar profético, é a fonte de espiritualidade no qual a criação se torna louvor de Deus, o amor se torna chama de perfeita caridade e ideal de convivência humana, e onde podemos contemplar sem barreiras nem impedimentos o dulcíssimo Jesus, o tesouro

da alma, e ainda como ela sugere “(...) no contato com aquela fornalha de amor também o meu coração se acenderá, se destruirá por ti, assim o mesmo fogo irá consumir duas vítimas, e poderei dizer que também eu me imolei por ti, como tu, meu amor, te imolaste por mim”.² E nesta relação de amor a pessoa vai tornando-se referência para todos, levando-os no coração e ajudando-os a procurar Deus.

Para compreender com profundidade a experiência cristã espiritual de Madre Gertrudes é necessário fazer um paralelo de sua vivência com as correntes espirituais de sua época. É preciso lembrar que vida espiritual não se restringe a uma série de fatos e ou experiências sucessivas vividas por uma pessoa em um determinado tempo histórico, e sim o aprofundamento contínuo, uma tomada de consciência cada vez mais viva da presença de Deus.

O século XIX é marcado por uma fervorosa devoção ao Sagrado Coração de Jesus e pela devoção Mariana, ocupando um lugar de destaque na espiritualidade popular. No entanto, falta neste século maior sensibilidade litúrgica.

Os escritos de Santa Gertrudes refletem de forma clara os resquícios desta espiritualidade. É evidente em sua autobiografia a presença de uma fervorosa devoção ao Sagrado Coração de Jesus, a valorização das mortificações e das diversas práticas de piedade, da forte ascese espiritual à necessidade de reparar por tantas ofensas que, no Tabernáculo, Jesus recebe dos pecadores, do desejo de entregar sua vida a Ele sem reserva. Filha de seu tempo, desenvolve uma forte espiritualidade eucarística.

Como tantos fundadores de seu tempo, deu vida a um Instituto religioso que propõe um caminho de santidade, não somente por meio da contemplação e das práticas ascéticas dentro dos muros do convento, mas uma espiritualidade que se insere e dá sentido e significado novo à vida de cada ser humano, em meio à sociedade, no cotidiano e na concretude do serviço aos irmãos e às irmãs que clamam por vida e dignidade. A todos os homens e a todas as mulheres do nosso tempo que buscam saciar as mais diversas fomes existenciais.

Adoração: um amor que quer presença

Para Santa Gertrudes, o relacionamento estabelecido com Jesus não se restringe apenas a palavras ditas, mas tem sua concretização na escuta atenta de sua palavra e vontade, no estar em sua presença em adoração silenciosa.

2 Janeiro de 1883, liv.6.

É um caminho que gradualmente vai sendo construído, é um projeto de vida permeado de graças. Olhando para sua vida, pode-se compreender que as graças que o Senhor derramou abundantemente não foram em vão, ela buscou ao longo de toda sua existência corresponder a estas graças. Assim ela escreveu:

As graças que o Senhor me concedeu no decurso de minha vida são tantas e tão grandes, que me seria impossível descrevê-las. Ele sempre me seguiu, com amor particular. Criança ainda, com apenas cinco anos, me fazia sentir no coração um grande desejo de amá-lo muito e ia me ensinando o que eu devia fazer para lhe agradar e ser toda sua”.³

Os fortes traços que unem a experiência Eucarística e a sua vivência cotidiana tornam uma ponte admirável do estar na presença, onde a unidade vivida resplandece. Estar na presença exige que se deixe envolver pessoalmente pelo Senhor, a fim de que Ele possa plasmar toda a existência.

O meu Jesus colocava diante dos meus olhos, todos os testemunhos mais preciosos do seu amor. Ao receber a Santíssima Comunhão (e procurava ser uma das primeiras para me entreter mais longamente) não sei dizer o que se passava entre mim e Jesus. Ele me dizia: – vê, filha, vem, aperta-te ao meu coração, vê o meu amor, como é grande a minha bondade – E eu o via no meu coração com a luz da fé, mais do que se o visse pessoalmente. Também durante o dia, me surpreendia em meio aos meus afazeres domésticos, sentia a sua adorável presença, às vezes, cessava toda atividade da mente e eu me sentia nele, arrebatada nele, mas de um modo em que não havia nada de material, nem de imaginário. Jamais consegui explicá-lo, sempre foi um mistério para mim. A minha inteligência se obscurecia e eu ficava tomada por uma luz incompreensível. Deus se manifestava à minha mente de modo inefável. Eu creio que bastaria um só momento desses para converter os pecadores mais endurecidos.⁴

O amor para com Jesus Eucaristia transmitido por Santa Gertrudes pode ser identificado como “sinal dos tempos” que é oferecido a todos como dom do Espírito Santo. Como nos recorda o documento *Ecclesia de Eucharistia*:

É bom demorar-se com Ele e, inclinado sobre o seu peito como o discípulo predileto (cf. Jo 13,25), deixar-se tocar pelo amor infinito do seu coração. Se atualmente o cristianismo se deve caracterizar, sobretudo pela “arte da oração”, como não sentir de novo a necessidade de permanecer longamente, em diálogo espiritual, adoração silenciosa, atitude de amor, diante de Cristo presente no Santíssimo Sacramento? Quantas vezes, meus queridos irmãos e irmãs, fiz esta experiência, recebendo dela força, consolação, apoio!⁵

3 Escritos, 8.

4 Escritos, 17.

5 EdE, n. 25.

O centro de iluminação de sua vida é sem dúvida Jesus presente no Tabernáculo. Ele é o Senhor de seus pensamentos, o conteúdo de sua oração, a orientação de sua conduta. Assim ela expressa: “Oh, bondade do meu Jesus! De quando em quando Ele me fazia ouvir a sua voz e as palavras internas de vida. A oração e o Santíssimo Sacramento de amor eram o meu paraíso na terra”.⁶

Quanto mais aprofunda a intimidade com Jesus Eucarístico, mais clara se torna a consciência do seu nada diante de Deus e mais forte é a necessidade de contínua purificação. A consciência da própria indigência a impulsiona a se abandonar com confiança no Senhor. “Tudo, para mim, era leve, porque Jesus me atraía a si com uma força tal que não sei exprimir. Fazia-me sentir a sua presença de tal modo que eu nunca teria saído da Igreja”.⁷

O seu maior desejo era poder colocar Jesus sobre uma alta montanha para que todos pudessem vê-lo, e vendo se sentissem atraídos pelo seu amor. A sua ação apostólica, porém, não é fruto de uma vida ativista, mas a consequência lógica de sua alma apaixonada que outra coisa não deseja senão levar Jesus e torná-lo amado e conhecido. Pode-se perceber que, quando uma alma é conduzida pelo Espírito Santo de Deus, sua vida e missão continuam encontrando eco e força mesmo depois de longos anos.

Fazendo uma releitura da vida de Santa Gertrudes, percebe-se um elo muito forte e atual com o documento *Ecclesia de Eucharistia* quando nos diz:

Unindo-se a Cristo, o povo da nova aliança não se fecha em si mesmo; pelo contrário, torna-se “sacramento” para a humanidade, (39) sinal e instrumento da salvação realizada por Cristo, luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5,13-16) para a redenção de todos. A missão da Igreja está em continuidade com a de Cristo: “Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós” (Jo 20,21). Por isso, a Igreja tira a força espiritual de que necessita para levar a cabo a sua missão da perpetuação do sacrifício da cruz na Eucaristia e da comunhão do corpo e sangue de Cristo. Deste modo, a Eucaristia apresenta-se como fonte e simultaneamente vértice de toda a evangelização, porque o seu fim é a comunhão dos homens com Cristo e, n’Ele, com o Pai e com o Espírito Santo.⁸

A descoberta de Jesus como centro da vida faz com que a pessoa se entregue a Ele com uma confiança tão grande que não consegue mais fugir à missão de anunciar, quer torná-lo sempre mais apreciado, conhecido e procurado. Como nos disse o Papa Francisco na oração do *Angelus*:

6 Escritos 13.

7 Escritos 10.

8 EdE, n. 22.

Se comungamos com fé, nos alimentando de Jesus. A Eucaristia transforma a nossa vida, a transforma em um dom a Deus e em um dom aos irmãos, pois é Jesus mesmo que se doa inteiramente a nós: Alimentar-se daquele Pão da Vida significa entrar em sintonia com o coração de Cristo, assimilar as suas escolhas, os seus pensamentos, os seus comportamentos. Significa entrar em um dinamismo de amor e se tornar pessoas de paz, pessoas de perdão, de reconciliação, de partilha solidária. O próprio Jesus fez isto. Viver em comunhão real com Jesus nesta terra, nos faz desde já passar da morte para a vida. O céu começa justamente na comunhão com Jesus.⁹

Eucaristia: fonte de fraternidade

Colocando a adoração como missão primordial do Instituto, Santa Gertrudes reconhece que toda a força da missão provém do encontro pessoal com Jesus adorado, contemplado, escutado e por que não dizer “tocado” e “comido” em cada celebração Eucarística. Assim ela expressa em suas notas íntimas:

Oh, sim, meu Amor Sacramentado. Vós sabeis que eu não encontro outra satisfação a não ser em ver-vos exposto no vosso trono de amor! Oh, sim, meu Amor Sacramentado. Vós sabeis que eu não encontro outra satisfação a não ser em ver-vos exposto no vosso trono de amor! Dando cumprimento àquelas palavras: “Eu vim trazer fogo à terra!”, oh, se pudéssemos nós, vossas adoradoras, ser incendiárias, sim, as incendiárias deste fogo celeste! Dando cumprimento àquelas palavras: “Eu vim trazer fogo à terra!”, oh, se pudéssemos nós, vossas adoradoras, ser as incendiárias, sim, as incendiárias deste fogo celeste!”¹⁰

Quando nos colocamos diante de Jesus, somos abraçados pelo seu amor, e como os discípulos de Emaús podemos repetir: “Não ardia o nosso coração?” (Lc 24,32). A experiência da adoração nos ensina que a Eucaristia deve plasmar em nós uma cultura de fraternidade, de serviço, de doação, de partilha e de esperança. Se não nos deixarmos conduzir pela lógica Eucarística, o amor corre o risco de se reduzir a assistência social, a partilha se limita à burocrática repartição, o serviço aparece como um comportamento frio e impessoal, a esperança se fecha em horizontes pequenos e medíocres.

É preciso deixar que o encontro com o Mestre desperte o desejo de voltar para as diversas “Jerusalém” do mundo atual e que neste retorno cada pessoa que fez a experiência de estar em adoração possa afirmar e anunciar “verdadeiramente o Senhor ressuscitou!” (Lc 24,34). Nós o contemplamos na Eucaristia, nós sentimos seu amor e sua presença.

9 FRANCISCO. *Angelus*, 16 de agosto de 2015. Disponível em: http://br.radiovaticana.va/news/2015/08/16/papa_no_angelus_o_c%C3%A9u_venha_como_rei_e_nos_mande_reinar/1165430.

10 Escritos, 72.

Também a Igreja, continuamente, nos insere na dinâmica da Eucaristia, nos motivando e exortando a perceber a grandeza dos ensinamentos que nasce deste trono de bênçãos e graças. Assim podemos ler no documento *Ecclesia de Eucharistia*:

O dom de Cristo e do seu Espírito, que recebemos na comunhão eucarística, realiza plena e sobreabundantemente os anseios de unidade fraterna que vivem no coração humano e ao mesmo tempo eleva esta experiência de fraternidade, que é a participação comum na mesma mesa eucarística, a níveis que estão muito acima da mera experiência dum banquete humano. Pela comunhão do corpo de Cristo, a Igreja consegue cada vez mais profundamente ser, “em Cristo, como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”.¹¹

Desde criança, Madre Gertrudes compreendeu que o amor para com Jesus se expressa no amor para com o seu corpo, a Igreja, que deve ser construído passo a passo com um estilo de comunhão. Que amar Jesus requer uma dedicação generosa de serviço aos mais necessitados. Ao escrever sobre a experiência espiritual de Santa Gertrudes, Pe. Ezio Bolis (2007) afirma que a adoração é “escola de caridade”. Nos sinais eucarísticos de seu “corpo partido” e do seu “sangue derramado” Jesus nos deixa o seu testemunho, uma norma viva, um exemplo que deve guiar o nosso agir. “A Eucaristia, memorial da Páscoa, é a demonstração concreta do que significa amar”!

Conclusão

Percebe-se que a espiritualidade eucarística de Santa Gertrudes pode contribuir de forma significativa para a Igreja e para todos os cristãos que, atraídos pelo amor para com Jesus, desejam fazer a experiência do estar diante do Mestre. Faço uso das palavras do Papa Francisco quando no documento *Alegria do evangelho*, escreve:

Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de o procurar dia a dia sem cessar.

Que a partir do encontro com Jesus Eucarístico, possamos cultivar uma espiritualidade eucarística encarnada no cotidiano e nas mais diversas realidades nas quais estamos inseridos. Que a Eucaristia se torne a fonte de relações fraternas e que sejamos iluminados e capazes de iluminar pelo amor contemplado e celebrado. E como afirma ainda a conclusão do documento *Ecclesia de Eucharistia*. “O mistério eucarístico – sacrifício, presença, banquete – não permite reduções nem instrumentalizações; há de ser vivido na sua integridade, quer na celebração, quer no

11 EdE, n. 24.

colóquio íntimo com Jesus acabado de receber na comunhão, quer no período da adoração eucarística fora da Missa”.¹²

Referências

GLI SCRITTI. *Edizione integrale sugli autografi a cura delle suore Sacramentine di Bergamo*. Morcelliana editrice – Brescia – Segunda edição revista 2.000. Bergamo, 1981.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Paulinas, 2005.

BOLIS, Ezio. “Gesú, amarti e farti amare” *L’esperienza spirituale della beata Gertrude Comensoli*. Edizioni Glossa Srl – 20121, Milano 2007.

12 FRANCISCO. *Alegria do Evangelho*, n. 3.

Edições CNBB

IRMÃO LAURO DAROS¹, FMS

A CNBB está traduzindo e publicando novos materiais oriundos da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.

São três Documentos da Congregação: 1. *Unidos na escuta do Espírito*; 2. *Para vinho novo, odres novos*; 3. *Anunciai*.

Além desses três Documentos, também estão sendo traduzidos e publicados sete Cadernos da Coleção Vida Consagrada sobre Laboratório de Governo: 1. *No serviço da identidade carismática*; 2. *No estilo sinodal*; 3. *No cuidado da formação*; 4. *No serviço da missão*; 5. *Na partilha dos bens*; 6. *No magistério da Igreja e na práxis canônica*; 7. *Na comunhão eclesial*.

A publicação dos Documentos e dos Cadernos será feita gradualmente.

O primeiro documento, *Unidos na escuta do Espírito*, foi lançado em vista da 55ª Assembleia Geral da CNBB, que ocorreu de 26 de abril a 4 de maio de 2017, em Aparecida, com o tema “Iniciação à vida Cristã”.

Na Introdução, João Braz Cardeal de Aviz, Prefeito, assim se expressa:

Caríssimos consagrados e consagradas,

A Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica acolhe com profunda alegria e gratidão a experiência de

1 Assessor do Setor Publicações da CRB

vida nova e de esperança – marcada pelo sinal da comunhão – florescida durante todo o Ano eclesial dedicado à Vida Consagrada, iniciado e apoiado pela clarividente inspiração do Santo Padre Francisco.

Reconhecemos que foi uma experiência inspiradora de criatividade e de confiança, realizada em muitas Igrejas locais com admiração e paixão, e concluída com o encontro de milhares de consagrados, provenientes das diferentes áreas étnicas e culturais e convocados junto à Sé de Pedro. Toda a Vida Consagrada se encontra comprometida agora a continuar o caminho de despertar e de esperança em toda parte do mundo como parte vida do povo de Deus, cultivando sabedoria evangélica, proximidade e profecia. Percorrer na Igreja estradas concretas de interação no espírito carismático e na diaconia com inteligência de misericórdia é o desafio e o apelo do Espírito, como o Papa Francisco muitas vezes repetiu.

Recolhemos aqui alguns textos que consideramos fundamentais a fim de que a força que o Espírito Santo suscitou entre nós neste ano especial não caia no esquecimento. São as Mensagens finais dos eventos principais vividos por milhares de consagrados e consagradas em Roma: o Colóquio Ecumênico, o Congresso dos formadores e das formadoras, o Encontro dos jovens consagrados e consagradas e enfim, a Semana em comunhão, encontro mundial celebrado por todas as formas de Vida Consagrada no encerramento do Ano dedicado.

É entregue a nós uma síntese experiencial e profética, *pro-vocativa*, para prosseguir no caminho e conjugar sobre elas escolhas e sendas de contemplação e de missão, hoje. Nesta visão de comunhão, avançamos no exercício difícil e fecundo da sinergia e sinodalidade. O Espírito nos conceda vigiar atentamente na escuta orante da Palavra, interceder firmes na fé e, enquanto seguimos Jesus de modo profético, ousar decisões evangélicas para anunciar misericórdia e ressurreição. Sem separações.

Fecundos na alegria, fortes na esperança, próximos nos lugares do humano, estamos a caminho peregrinos nunca cansados sobre os traços da beleza.

Vaticano, 25 de março de 2016

20º Aniversário da Exortação Vita Consecrata

Quanto aos sete Cadernos, o primeiro publicado foi: *No serviço da identidade carismática*. Na Apresentação do Caderno, está escrito que “A Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apos-tólica recomenda, evidenciando a necessidade urgente de que o serviço da

autoridade seja vivido como exercício evangélico, sustentado pelo conhecimento e discernimento no âmbito do magistério eclesial, que “torna-se sempre mais importante incluir na formação contínua uma séria iniciação ao governo. Esta tarefa tão fundamental na vida das comunidades é às vezes confiada, com improvisação, e atuada de maneira imprópria e incompleta”.

A série “Cadernos da Vida Consagrada – Laboratório de Governo” move-se segundo essa utilidade, abrindo uma reflexão concreta e direcionada acerca do serviço da autoridade, declinada sobre temáticas fundamentais para esse serviço, várias e complementares, úteis para acompanhar as pessoas consagradas no exercício do “poder, recebido de Deus mediante o ministério da Igreja” (cân. 618). O horizonte eclesial é o fundo vivo e vivificante em que se movem os aprofundamentos apresentados pelos Cadernos, em razão de que a Vida Consagrada não é uma realidade isolada ou marginal, mas está no próprio coração da Igreja como elemento decisivo de sua missão, “pertence inseparavelmente à sua vida e à sua santidade”.

O primeiro Caderno da série aprofunda o serviço de governo inspirado e fundado sobre a identidade carismática, sua exigência de fiabilidade evangélica dos carismas na Igreja hoje, sobre o discernimento querido pelo encontro do carisma com a história e as provocações das culturas contemporâneas, segundo o convite contínuo e autorizado do Papa Francisco para perscrutar a história e para guiar os consagrados e as consagradas a seguir o Senhor no mundo profético. Quem serve em autoridade é chamado a “perscrutar a história em que vive e interpretar os acontecimentos: é como uma sentinela que vigia durante a noite e sabe quando chega a aurora (Is 21,11-12). Conhece a Deus e conhece os homens e as mulheres, seus irmãos e irmãs. É capaz de discernimento”.

(...)

Aqueles que servem na autoridade são convidados a entrar neste processo de busca de decisão e de práticas de vida, como servidores sábios do Espírito (Sb 9,10).

A dimensão socioestrutural da opção pelos pobres

FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR¹

A Igreja da América Latina ajudou o conjunto da Igreja a redescobrir nas últimas décadas a centralidade dos pobres e marginalizados na revelação e na fé cristãs. Apesar das ponderações, das advertências, dos receios e das “precisões”, admite-se, em geral, que o cuidado dos pobres e marginalizados é constitutivo da fé cristã.

E essa consciência foi assumida de modo explícito inclusive pelo magistério da Igreja de Roma. Na Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Sociales* (1987), João Paulo II fala da “opção ou [do] amor preferencial pelos pobres” como um dos temas e uma das orientações “repetidamente ventilados pelo Magistério nestes últimos anos”.² Na Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (2005), Bento XVI fala da caridade como um dos “âmbitos essenciais” da Igreja. Ela “pertence tanto à sua essência como ao serviço dos sacramentos e ao anúncio do Evangelho”.³ E na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), o Papa Francisco afirma que “no coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres”,⁴ que “esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos” e que, “inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção

1 Doutor em teologia pela universidade de Münster/Alemanha; professor de teologia da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) e da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte – CE.

2 SRS, n. 42.

3 DCE, n. 22.

4 EG, n. 197.

pelos pobres, entendida como uma ‘forma especial de primado da prática da caridade cristã, testemunhada por toda a tradição da Igreja’⁵.

Mas há uma tendência muito forte na Igreja a reduzir a opção pelos pobres ou o serviço da caridade à sua dimensão assistencial ou ao que se convencionou chamar “obras de misericórdia”: visitar doentes, idosos e encarcerados; distribuir alimentos e roupas; socorrer pessoas em suas necessidades imediatas e cotidianas etc. Sem dúvida, isso é necessário e é evangélico. Mas, nem é suficiente, nem esgota o serviço da caridade ou a opção pelos pobres na Igreja. Há também uma dimensão igualmente necessária e evangélica que diz respeito à organização da sociedade e à luta pela justiça, enquanto luta pela garantia de direitos dos pobres e marginalizados. É a dimensão socioestrutural da opção pelos pobres ou do serviço da caridade.

É precisamente sobre esta dimensão que queremos tratar neste artigo. Primeiro, mostrando como a Igreja foi tomando consciência desta questão nas últimas décadas. Depois, explicitando em que consiste a dimensão estrutural e como se dá o processo de transformação da sociedade. Por fim, indicando as formas como a Igreja vive e dinamiza a dimensão socioestrutural da opção pelos pobres ou do serviço da caridade.

Despertar eclesial

A consciência explícita dessa problemática e desse desafio é relativamente recente na Igreja. Certamente, podemos encontrar indícios disso na Escritura e na Tradição da Igreja. Pensemos, por exemplo, na denúncia dos profetas contra a acumulação de riquezas, contra o salário não pago dos trabalhadores, contra a violação do direito das viúvas nos tribunais, contra a espoliação dos bens dos pequenos, contra um culto aliado à injustiça social e, sobretudo, em sua defesa radical do direito do pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro. Pensemos também nas reflexões sobre a destinação universal dos bens e sobre a política como arte do bem comum, desenvolvidas na Tradição da Igreja. Tudo isso é indício do que estamos chamando aqui de dimensão socioestrutural da caridade ou da opção pelos pobres.

Mas sua consciência explícita começa a se desenvolver na Europa no século XIX, no contexto da complexificação da sociedade (revolução industrial, revolução francesa, revolução científica) e do desenvolvimento das ciências sociais. Consolida-se a partir da Igreja da América Latina

5 Ibidem, n. 198.

com as conferências episcopais de Medellín e Puebla e com as teologias da libertação. E, aos poucos, vai sendo assumida pelo conjunto da Igreja.

Um marco importante no surgimento da consciência da dimensão estrutural da fé é, não obstante suas ambiguidades e contradições, o chamado “catolicismo social” que se desenvolveu na Europa no contexto da revolução industrial e da situação da classe e dos movimentos operários nascentes. É neste contexto que se insere a Encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII (1891), sobre a condição dos operários. Tudo isso vai se desenvolvendo ao longo do século XX e ganha novo impulso, novas perspectivas e novas dimensões com o Concílio Vaticano II (1962-1965) e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje (1965).

Contudo, é na Igreja da América Latina e a partir dela que essa consciência se torna mais explícita e é levada às últimas consequências, tanto em termos teológicos, quanto em termos pastorais.

A Conferência de Medellín (1968), por exemplo, já falava de “estruturas opressoras”,⁶ “estruturas injustas”,⁷ “violência institucionalizada”⁸ e apontava para a necessidade de “novas e renovadas estruturas”.⁹ E a Conferência de Puebla (1979) reconhece que a pobreza “não é uma etapa casual, mas sim o produto de determinadas situações e estruturas econômicas, sociais e políticas”¹⁰ e chega a falar explicitamente de “dimensão social do pecado”, de “estruturas de pecado” ou de “pecado social”.¹¹

Além da percepção dessa dimensão estrutural da injustiça e de seu caráter pecaminoso, Medellín afirmava claramente que “criar uma ordem social justa, sem a qual a paz é ilusória, é uma tarefa eminentemente cristã” e que “a justiça e conseqüentemente a paz conquistam-se por uma ação dinâmica de conscientização e de organização dos setores populares, capaz de urgir os poderes públicos, muitas vezes, impotentes nos seus projetos sociais, sem o apoio popular”.¹²

Essas intuições foram sendo aprofundadas e desenvolvidas na reflexão teológico-pastoral na América Latina e assumidas, em grande medida, pelo magistério romano para o conjunto da Igreja.

6 Introdução.

7 Justiça, I.

8 Paz, 2, II.

9 Justiça, II.

10 DPb, n. 30.

11 Ibidem, n. 28, 70, 73, 281, 282, 452, 487, 1258.

12 Paz, 2, II.

O *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, por exemplo, tratando dos “princípios da doutrina social da Igreja”, fala da “via da caridade” e, neste contexto, fala da “caridade social e política”: “A caridade social e política não se esgota nas relações entre as pessoas, mas se desdobra na rede em que tais relações se inserem, que é precisamente a comunidade social e política, e sobre esta intervém, visando ao bem possível para a comunidade no seu conjunto. Sob tantos aspectos, o próximo a ser amado se apresenta ‘em sociedade’, de sorte que amá-lo realmente, prover às suas necessidades ou à sua indigência pode significar algo de diferente do bem que lhes pode querer no plano puramente inter-individual: amá-lo no plano social significa, de acordo com as situações, valer-se das mediações sociais para melhorar sua vida ou remover os fatores sociais que causam a sua indigência. Sem dúvida alguma, é um ato de caridade a obra de misericórdia com que se responde aqui e agora a uma necessidade real e imperiosa do próximo, mas é um ato de caridade igualmente indispensável o empenho com vistas a organizar e estruturar a sociedade de modo que o próximo não venha a encontrar-se na miséria, sobretudo quando esta se torna a situação em que se debate um incomensurável número de pessoas e mesmo povos inteiros, situação esta que assume hoje as proporções de uma verdadeira e própria questão social mundial”.¹³

E o Papa Francisco tem insistido muito em que a opção pelos pobres “envolve tanto a cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos”;¹⁴ passa não só pelos gestos pessoais e comunitários de solidariedade, mas também pela luta pela transformação das estruturas da sociedade. “Embora ‘justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política’, a Igreja ‘não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça’”.¹⁵ E isso é urgente: “A necessidade de resolver os problemas estruturais da pobreza não pode esperar (...). Os planos de assistência, que acorrem a determinadas emergências, deveriam considerar-se como respostas provisórias. Enquanto não forem solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais”.¹⁶

13 *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, 125.

14 EG, n. 188.

15 *Ibidem*, n. 183.

16 *Ibidem*, n. 202.

Na Encíclica *Laudato Si'*, o Papa fala explicitamente de “amor civil e político”: “O amor, cheio de pequenos gestos e cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre indivíduos, mas também ‘as macro relações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos’”.¹⁷ E, falando da “conversão ecológica”, adverte que “para se resolver uma situação tão complexa como esta que enfrenta o mundo atual, não basta que cada um seja melhor (...) Aos problemas sociais responde-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias: ‘As exigências desta obra serão tão grandes, que as possibilidades das iniciativas individuais e a cooperação dos particulares, formados de maneira individualista, não serão capazes de lhes dar resposta. Será necessária uma união de forças e uma unidade de contribuições. A conversão ecológica, que se requer para uma mudança duradoura, é também uma conversão comunitária’”.¹⁸

De modo que não se pode perder de vista a dimensão socioestrutural da opção pelos pobres. E para isto não basta a conversão do coração. É preciso insistir também na necessidade e urgência de transformação das estruturas da sociedade. O que exige uma melhor compreensão da problemática socioestrutural.

A problemática socioestrutural

Não há muita dificuldade em compreender a dimensão assistencial da caridade ou da opção pelos pobres. É um fato que em nossas comunidades, em nosso país e no mundo inteiro muitas pessoas são marginalizadas e passam necessidade, não tendo mesmo as condições materiais básicas de sobrevivência. E nós devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para socorrê-las em suas necessidades cotidianas.

Acontece que a pobreza e a marginalização não são fatos isolados em nosso mundo. Não é apenas problema de alguns indivíduos que, por mera casualidade, circunstância ou “decisão” pessoal, encontram-se nessa situação. Certamente, isso também existe: doença, catástrofe, crise familiar, desilusão amorosa, dependência química, comodismo etc. Mas isso vale para alguns casos isolados. Não explica o fenômeno massivo da pobreza e marginalização sociais em nosso mundo. Em última instância, esse fenômeno é fruto do modo de estruturação e organização da sociedade. Ele faz

17 LS, n. 231.

18 Ibidem, n. 219.

com que os bens e riquezas produzidos estejam concentrados nas mãos de poucos; faz com que amplos setores da sociedade sejam marginalizados em razão de sua cultura, de sua raça, de seu sexo, de sua orientação sexual, de sua idade, de sua deficiência física ou mental, de seus delitos etc.; e reduz a natureza a mero recurso econômico para acumulação ilimitada de riquezas, causando grandes desequilíbrios socioambientais e comprometendo inclusive o futuro da vida no planeta.

Por isso mesmo, uma caridade que se queira eficaz não pode se reduzir ao nível meramente assistencial, por mais que isso seja necessário. Precisa enfrentar os mecanismos sociais que produzem essa situação. Para isso, é importante compreender minimamente o processo de estruturação e organização da sociedade, bem como o modo de interferir nesse processo em vista da garantia dos direitos dos pobres e marginalizados. É o que faremos a seguir.

1. Estruturas da sociedade

Não vamos entrar aqui na discussão acerca da gênese da sociedade e de seu processo de estruturação, uma discussão importante e complexa na filosofia e nas ciências sociais. Partimos diretamente do fato de que nascemos e vivemos em uma sociedade concreta, organizada de forma bem determinada; e de que essa sociedade, organizada desta forma, condiciona e determina, em grande medida, para o bem e/ou para o mal, a vida de todas as pessoas.

Certamente, esta sociedade foi organizada desta forma por pessoas e grupos muito concretos. Não é fruto do acaso nem é um dado natural. Não há nenhum determinismo aqui. Mas, uma vez organizada desta forma, ela adquire certa autonomia em relação às pessoas e aos grupos concretos e passa a condicionar, possibilitando ou impossibilitando, a vida das pessoas e dos grupos.

Essa foi a grande descoberta das ciências sociais no século XIX. Houve e há muita discussão em torno da compreensão da sociedade e da relação entre a sociedade e os indivíduos. Mas uma coisa é certa: a sociedade não é a mera soma dos indivíduos. Ela tem certa autonomia em relação aos indivíduos e interfere diretamente na vida das pessoas: ninguém escolhe nascer rico ou pobre; não é natural que a mulher seja subordinada ao homem (até na estrutura gramatical da língua), que o negro seja inferior ao branco (nas piadas, nos postos de trabalho, nos salários etc.), que determinadas pessoas e profissões sejam superiores a outras (médico x gari, catador x empresário etc.); que o Estado garanta toda a infraestrutura de saneamento, transporte,

segurança etc. nos bairros de classe média-alta e não nas favelas e periferias; que use o dinheiro público para construir infraestrutura para as empresas do agronegócio e destine apenas “bolsas” para a agricultura camponesa etc. Tudo isso é fruto do modo concreto como nossa sociedade está organizada.

De fato, nossa vida é muito mais condicionada e determinada pelas estruturas da sociedade do que parece. E de muitas formas: costumes, valores, regras, normas, leis, instituições, aparato policial etc. Quanto mais essa sociedade cresce e se complexifica, tanto mais cresce a interferência de seus mecanismos de organização e estruturação sociais na vida das pessoas e dos diversos grupos sociais.

Quando falamos de sociedade ou estruturas da sociedade, falamos da organização e estruturação de nossa vida coletiva. Seja no que diz respeito à produção e distribuição de bens e riquezas (economia); seja no que diz respeito às relações de poder em geral e à organização sociopolítica da sociedade em particular (relações sociais e organização política); seja, ainda, no que diz respeito às mais diversas formas de justificação e legitimação dos interesses pessoais e grupais, bem como da manutenção ou transformação da ordem social vigente (cultura). Em outras palavras, falamos do conjunto de mecanismos que ordenam e regulamentam nossa vida coletiva: costumes, mentalidades, regras, normas, leis e instituições (econômicas, familiares, sexuais, sociais, educativas, religiosas, políticas, jurídicas, coercitivas etc.). Tudo isso condiciona enormemente a vida das pessoas e dos grupos. Para o bem e/ou mal.

É verdade que na maioria das vezes não nos damos conta desses mecanismos de organização e regulamentação sociais. Por isso mesmo a discussão acerca das estruturas da sociedade parece uma discussão abstrata e distante. É difícil tocar e agarrar as estruturas da sociedade. Mas não é difícil perceber, por exemplo, que alguns têm todas as condições e facilidades para produzir e/ou acumular riquezas, bem como para defender seus interesses, enquanto a grande maioria da população não dispõe dessas condições e facilidades; que os pobres pagam proporcionalmente mais imposto que os ricos; que o Estado financia a atividade econômica dos empresários e banqueiros (infraestrutura, subsídios fiscais, taxa de juros etc.); que garante toda infraestrutura urbana nos bairros de classe média-alta e não nas favelas e periferias; que certas profissões são bem reconhecidas e remuneradas e outras não; que muitas pessoas são oprimidas e marginalizadas por causa de sua cultura, de seu sexo, de sua orientação sexual, de sua idade etc.; que as leis são feitas pela elite para proteger seus interesses e que a “justiça” normalmente está do seu lado etc. E tudo isso se deve em grande medida ao

modo concreto como nossa sociedade está organizada. A pobreza e a marginalização social não são uma casualidade nem uma fatalidade. São frutos de um modo injusto e desigual de organização de nossa vida coletiva. De modo que sua superação passa necessariamente pela transformação desse modo de organização da sociedade.

2. Transformação da sociedade

Não é fácil transformar as estruturas da sociedade. Não só porque elas estão institucionalizadas e mesmo legalizadas; mas porque tem gente que se beneficia com elas e reage com todos os meios contra qualquer tentativa de modificação e, sobretudo, de transformação da ordem social vigente. Sem falar que esses grupos que se beneficiam com a ordem social vigente controlam a atividade econômica, a organização política do Estado, a produção do conhecimento e a difusão das informações, exercendo um domínio inclusive sobre as vítimas dessa forma de organização da sociedade.

Mas dizer que não é fácil não significa dizer que é impossível. Assim como a sociedade foi organizada desta forma através da ação de pessoas e grupos sociais, ela pode ser modificada ou mesmo transformada através da ação de pessoas e grupos sociais. É verdade que é mais fácil manter a estrutura ou ordem social vigente que transformá-la; os costumes, as regras, as normas, as leis e as instituições tendem sempre a conservar a ordem vigente. E é verdade que nem todas as pessoas nem todos os grupos têm o mesmo poder de ação e intervenção sociais: as relações de poder são extremamente desiguais em nossa sociedade. Mas a história é farta de exemplos de grupos sociais subalternos (negros, mulheres, indígenas, camponeses, operários etc.) que através de sua organização e articulação com outros setores da sociedade foram capazes de intervir e alterar a ordem social vigente.

É que a subordinação também tem seus limites. Há momentos em que a necessidade se impõe com tal força que se transforma em indignação e revolta: quando a fome aperta, o povo saqueia o comércio; quando o salário atrasa, o povo faz greve; quando não há mais alternativa de trabalho e moradia, o povo ocupa terra no campo e na cidade; quando o governo não garante condições de vida no campo, o povo ocupa estradas e prédios públicos; quando não é feita a demarcação de terras indígenas e quilombolas, o povo faz por sua própria conta; e assim por diante.

Muitas vezes, essa indignação e revolta são como “fogo de palha”. Outras vezes, são como “fogo de monturo” e podem constituir força social capaz de afrontar e alterar a ordem social vigente. Essa alteração pode ser mais

superficial ou mais profunda. Em todo caso, trata-se sempre de um processo e de um processo social.

a) Processo permanente

Antes de tudo, é preciso insistir no fato de que a transformação das estruturas da sociedade é algo processual e permanente. Não se muda a sociedade da noite para o dia a toque de mágica (imediatismo) nem de uma vez por todas (definitivamente). A mudança é um processo permanente.

Dizer que é um processo é dizer que se dá aos poucos, de acordo com força social acumulada e com as reais possibilidades com que se conta em cada momento. Não basta dizer que tem que mudar, é preciso dizer como mudar e, aqui, a questão se torna muito mais difícil e complexa. Até porque não se pode ignorar nem minimizar as forças de resistência e reação à transformação da ordem social vigente. Importa, em todo caso: 1) construir e fortalecer processos sociais os mais diversos de conquista de direitos; 2) articular o máximo possível esses diferentes processos sociais, acumulando força no enfrentamento da ordem social vigente; e 3) nunca desconectar as lutas e os processos concretos/locais do enfrentamento maior e mais complexo do sistema ou da ordem social vigente que produz injustiça social: local – global. O sistema se materializa e se torna palpável nas situações concretas de privilégio ou de exclusão social. E é aí que ele tem que ser atacado. Mas essas situações concretas são apenas uma expressão do sistema ou da ordem social vigente. De modo que o enfrentamento do sistema não se reduz nem se encerra em uma situação concreta de injustiça social.

Dizer que é um processo permanente é dizer que nunca vai chegar ao fim. A história humana é um processo permanentemente aberto e em construção. Precisamos superar uma concepção simplista e determinista da história, segundo a qual a história caminha necessariamente para uma determinada direção e um dia vai chegar lá. Nenhum momento ou acontecimento histórico é definitivo nem perfeito. Sempre há o que fazer; sempre se pode avançar mais. A história é um processo permanente em construção. Tarefa nossa de cada dia, de toda a vida.

Sem dúvida nenhuma, o reinado de Deus vai se realizando na história na medida em que vamos vivendo e organizando nossa vida de acordo com a vontade de Deus manifestada em Jesus Cristo. Mas ele não se esgota em nenhuma situação concreta. Pelo contrário. Sua presença e realização históricas sempre provocam crise e alimentam na própria história um dinamismo de superação e transcendência. E tanto em relação às diversas circunstâncias ou situações particulares, quanto em relação ao conjunto da história em um determinado momento. Daí porque a esperança sempre

renasce, fincando raízes muitas vezes no gelo do desengano. Sequer a morte é um limite intransponível. Ao ditado popular “a esperança é a última que morre”, nosso profeta poeta Casaldáliga costuma acrescentar que “se morrer ressuscita”, levando às últimas consequências, a partir da fé cristã, a abertura radical que caracteriza a história humana.

b) Processo social

Mas, além de ser um processo permanente, a transformação das estruturas da sociedade é um processo social que se dá mediante a constituição de uma força social capaz de confrontar a ordem social vigente e capaz de alterá-la ou mesmo transformá-la. Nenhuma pessoa sozinha consegue transformar a sociedade. Certamente, todos os processos de transformação social são desenvolvidos a partir de pessoas concretas e por pessoas concretas. Mas só se realizam na medida em que essas pessoas concretas vão se articulando e se constituindo como força social: “a união faz a força”!

É que a sociedade tem certa autonomia em relação aos indivíduos, tem um dinamismo próprio que, mediante costumes, mentalidades, regras, normas, leis e instituições as mais diversas, tende a estabilizar e conservar o dinamismo ou a ordem vigente. Transformar a sociedade ou as estruturas da sociedade é transformar esses mecanismos que organizam nossa vida coletiva de uma determinada forma e que, por favorecerem a certos setores da sociedade, são defendidos por eles a todo custo.

Basta ver que todas as conquistas sociais ao longo da história se deram mediante a mobilização, organização e luta de determinados setores da sociedade. Normalmente, de setores prejudicados e marginalizados na sociedade, mesmo que com o apoio e a solidariedade de outras pessoas e grupos sociais. Às vezes, isso leva muito tempo. Tanto tempo, que as gerações ou setores que alcançaram essas conquistas nem se dão conta do processo histórico que possibilitou essas conquistas; processo regado muitas vezes com sangue. São os mártires da caminhada. Quantos trabalhadores, quantos camponeses, quantos indígenas, quantos negros, quantas mulheres, quantos homossexuais pagaram com a própria vida o preço da luta por seus direitos. Nenhuma luta é em vão; nenhum sangue derramado na luta é em vão. Sempre pode brotar e produzir frutos. É verdade que nem sempre quem semeia e quem rega é quem colhe; mas se alguém colhe é porque alguém semeou e regou.

Daí porque a transformação das estruturas da sociedade é um processo e um processo social. Vai se dando aos poucos: uma pequena conquista abre possibilidades de novas conquistas e assim por diante. E vai se dando a partir da mobilização, organização e luta dos marginalizados e seus aliados: a

união faz a força. É um processo social permanente. Tarefa nossa de cada dia, de toda a vida, de toda a história.

A dimensão socioestrutural da opção pelos pobres

A dimensão socioestrutural da opção pelos pobres tem a ver precisamente com a participação e colaboração da Igreja nos processos de transformação das estruturas da sociedade – sempre a partir e em vista dos direitos dos pobres e marginalizados.

O engajamento da Igreja nos processos de transformação das estruturas da sociedade dá-se tanto através da atuação de cristãos em diversos movimentos e organizações sociais; quanto através de serviços, pastorais e organismos de apoio, acompanhamento e defesa de setores marginalizados e de suas lutas e organizações populares; quanto, ainda, pela tomada de posição da Igreja enquanto instituição e força social através de seus ministros e de seus organismos de animação e coordenação pastoral (bispos, conferências episcopais, coordenações e articulações pastorais etc.).

Convém, aqui, ao menos indicar essas diversas formas de participação da Igreja nos processos de transformação das estruturas da sociedade para que se possa compreender melhor a riqueza e a complexidade do dinamismo da pastoral social.

Em primeiro lugar, o engajamento de milhares de cristãos nas mais diversas lutas sociais (terra, água, moradia, educação, saúde, liberdade política, igualdade racial e de gênero, justiça socioambiental etc.) e nas mais diversas organizações populares (sindicatos, associações, partidos, movimentos etc.). É impossível falar das lutas, organizações e conquistas populares na América Latina nas últimas décadas sem falar da participação dos cristãos e da contribuição da fé cristã nesses processos.

Em segundo lugar, a tomada de posição pública de Igrejas locais (através de seu bispo, de seu presbitério, de sua coordenação pastoral ou de seus serviços e organismos de pastoral social) em favor de comunidades, grupos ou setores injustiçados e marginalizados: trabalhadores em greve; ocupações de terra no campo e na cidade; comunidades atingidas por barragens e projetos do agro-hidro-negócio; menores, população de rua e encarcerados vítimas da violência policial; superfaturamento de obras públicas e corrupção eleitoral, dentre outros. São situações bem concretas que acontecem em lugares bem concretos e agredem pessoas bem concretas.

Em terceiro lugar, os diversos serviços, organismos e pastorais sociais

criados na Igreja para acompanhar determinados grupos e setores sociais marginalizados e colaborar com suas lutas e organizações sociais: Centros de Direitos Humanos, Comissão Pastoral da Terra, Conselho Indigenista Missionário, Pastoral Operária, Serviço Pastoral dos Migrantes, Conselho Pastoral dos Pescadores, Pastoral dos Nômades, Pastoral Carcerária, Pastoral do Povo da Rua, Pastoral da Mulher Marginalizada, Pastoral Afro-Brasileira, Pastoral da AIDS, Pastoral da Criança, Pastoral do Menor, Pastoral da Pessoa Idosa, Comissão Brasileira de Justiça e Paz, Cáritas etc.

Em quarto lugar, a tomada de posição da Igreja no Brasil como instituição frente a determinados acontecimentos, questões ou processos sociais. Seja através da CNBB ou de alguma de suas comissões ou de algum de seus regionais; seja através de organizações laicais ou de alguma pastoral social específica. Pensemos, por exemplo, nas denúncias de tortura na ditadura militar e no processo de redemocratização da sociedade brasileira; na defesa da reforma agrária e dos movimentos camponeses; na defesa dos povos indígenas e quilombolas e da demarcação de suas terras; nas críticas à política econômica neoliberal dos vários governos; na denúncia da corrupção política e no apoio aos processos de reforma política.

Em quinto lugar, a promoção e participação em campanhas, eventos e processos de discussão e mobilização sociais os mais diversos em torno de direitos fundamentais negados ou de mecanismos que produzem injustiça. Pensemos, aqui, por exemplo, nas campanhas da fraternidade, nas semanas sociais, nos gritos dos excluídos, nos plebiscitos (dívida externa, ALCA, leilão da Vale, limite da propriedade, reforma política), nos projetos de lei contra a corrupção eleitoral e de reforma política, nas diversas articulações e mobilizações em nível nacional (indígenas, camponeses, mulheres, projeto popular etc.).

Por fim, em sexto lugar, as discussões, articulações e mobilizações em nível mundial dentro da Igreja, e da Igreja com diversas forças sociais. Cabe mencionar aqui a discussão sobre o processo de globalização e seus mecanismos de exclusão social nas últimas Encíclicas sociais e nos Documentos do Pontifício Conselho Justiça e Paz; a participação de (grupos) cristãos e crentes de muitas religiões no Fórum Social Mundial e no fórum paralelo ou integrado de teologia e libertação, bem como em outras organizações e mobilizações sociais em nível mundial; e a atuação profética do Papa Francisco no cenário mundial (migração, fome, conflitos e guerras, mercado, injustiça socioambiental etc.), particularmente através da encíclica *Laudato Si'* – *sobre o cuidado da casa comum* e dos encontros com os movimentos populares.

Importa fortalecer e intensificar a participação dos cristãos, das comunidades, das pastorais, dos movimentos, da Vida Religiosa Consagrada, enfim, do conjunto da Igreja, ainda que de modos distintos, nos processos de transformação da sociedade – sempre na perspectiva da justiça do Reino que tem nos pobres e marginalizados seu critério e sua medida permanentes (Lc 10,25-37; Mt 25,31-46).

E, aqui, a Vida Religiosa Consagrada, particularmente a vida religiosa inserida, tem uma importância e uma tarefa profética fundamental. Deve ser “sal”, “fermento” e “luz” evangélicos não só no âmbito da interioridade e das relações interpessoais, mas também no âmbito da sociedade, apoiando e participando ativamente dos movimentos e das lutas populares em defesa dos direitos dos pobres e marginalizados. Isso é particularmente necessário e urgente neste momento difícil de nosso país em que até as poucas políticas sociais de caráter compensatório correm o risco de ser drasticamente reduzidas em nome do tal “ajuste fiscal”. É preciso resistir na fé e pela fé contra mais essa ofensiva neoliberal. Lutar sempre! Temer jamais! Somos povo da esperança!

Para maiores aprofundamentos sobre o tema:

AQUINO JÚNIOR, F.A. *A dimensão socioestrutural do reinado de Deus: Escritos de teologia social*. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. “Fé e Justiça”. In: AJEAS/FAJE. *Theologica Latinoamericana*. Enciclopédia Digital. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=183>.

_____. *Pastoral Social: Dimensão socioestrutural da caridade cristã*. Brasília: CNBB, 2016.

Questões para reflexão

1. 1) Em que consiste a dimensão socioestrutural da caridade ou da opção pelos pobres?
2. 2) Como se dão os processos de transformação da sociedade?
3. 3) Quem participa ou já participou de alguma luta social? Que lutas sociais concretas existem na região onde a gente vive e como nossa comunidade pode apoiar e colaborar com essas lutas?

Características do jovem de nosso tempo

FREI RUBENS NUNES DA MOTA¹, OFMCAp.

Introdução

Quando me foi proposto este tema logo me veio o questionamento sobre a diferença entre característica e perfil. Sabendo que perfil é uma categoria classificada pela psicologia para identificar pessoas com base na psique pessoal e nos comportamentos grupais e sociais, me voltei para o público leitor desta Revista, religiosos e religiosas interessadas no campo eclesial e vocacional. Com este foco é que tentarei ver algumas características que possam nos ajudar na missão junto às diversas Juventudes. O que é importante ressaltar é que, mesmo trabalhando os elementos abaixo como características do jovem, não são exclusivamente deste público, pois nós, adultos, também as temos. O que veremos é que o impacto no jovem é maior por ser configurado dentro deste sistema, enquanto nós, adultos, somos migrantes neste tempo.

A compreensão sobre o tema

Acredito ser importante mostrar aos leitores e às leitoras de onde falo, pois tenho uma abordagem que dá sustentação às minhas reflexões, a saber,

1 Religioso da Ordem dos Frades Menores. Durante cinco anos assessor de Setor Juventude da CRB Nacional. Bacharel em Teologia e graduado em psicologia, especialista em Terapia Sistêmica (Terapeuta Familiar). Mestre em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília. Autor de vários livros, entre eles, Juventudes e Treje-tória Social – o crack como sinalizador do contexto; Juventudes – o exercício de aproximação.

pensamento sistêmico. A epistemologia sistêmica² nos possibilita compreender a pessoa a partir das relações que estabelece nos diversos sistemas dos quais faz parte, como família, Igreja e demais grupos sociais. Os sistemas são sinalizadores dos contextos e não, exatamente, implantadores ou responsáveis por todas as mudanças por si mesmos.

As características podem ser compreendidas a partir destas influências, especialmente observando o nível do significado que cada experiência relacional, ideológica e estrutural teve e tem mediante a pessoa ou o fato estudado. Nesta perspectiva as Juventudes devem ser compreendidas a partir da análise da ideologia do sistema, seu impacto no sistema familiar e o significado que fica na vida de cada jovem.

Características sociais

Temos muitas maneiras para o estudo das características juvenis, contudo vou apontar algumas neste item para ajudar na compreensão do jovem de nosso tempo. A primeira nos vem da reflexão sobre os tempos geracionais. É o esquema mais conhecido entre nós e por isso não precisa ser trabalhando com profundidade. É um esquema que trata de quatro gerações que vai mostrando que as características são próprias de cada tempo. A primeira, chamada de geração *Baby Boom*, ou explosão de bebês, com seu público acima dos 60 anos, trata sobre o impacto dos jovens que, após lutarem na segunda Guerra Mundial, chegam aos seus países de origem e implantam um novo estilo, com características de estabilidade e segurança. A segunda é a geração X, composta por pessoas entre 40 e 50 anos, sendo um público de transição, com tendência a guardar valores herdados, porém com abertura para o novo, como migrantes diante das novidades e apelos atuais. A terceira, a geração Y, composta por pessoas entre 20 e 30 anos, é uma geração ágil, flexível com potenciais para fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo. Por fim, temos a quarta, a geração Z, jovens de até 20 anos de idade, é a geração da conexão, a que “nasce com um *chip* na cabeça”, com as mesmas características da geração Y, porém de modo muito mais acentuado. Estas duas últimas gerações dizem respeito ao tema deste artigo, trazendo suas características positivas como flexibilidade, agilidade,

2 A abordagem sistêmica é uma perspectiva que pressupõe diversas dimensões e facetas que podem ser estudadas e entendidas por várias ciências, com conceitos e princípios emanados de diferentes ciências, podendo ser empregados no estudo e na compreensão das pessoas e situações. No campo da terapia familiar e de casal, a abordagem sistêmica é um circuito de feedback que representa o processo por meio do qual um sistema obtém uma informação necessária para seguir adiante de forma estável ou circular. Busca compreender a pessoa a partir das relações que estabelece, especialmente o significado que o impacto destas relações pode ter em sua existência, podendo gerar saúde ou adoecimento.

abertura e outras mais. Contudo, como nos diz a parábola do joio e do trigo, junto com os aspectos positivos são apontadas as contaminações do sistema, tornando os projetos às vezes frágeis mediante a inconstância e a troca constante na busca pelo consumo de novas experiências.

Além desta leitura das Juventudes a partir das diversas gerações, no contexto social podemos perceber características juvenis a partir das tribos que configuram perfis. Chamamos de tribos os grupos juvenis sociais alternativos que se juntam por identificação e oposição. Ao mesmo tempo que se identificam com um ideal comum, normalmente se opõem a algum aspecto social com o qual não concordam. Por se manterem vivos na sociedade, percebemos que a existência do grupo é importante na vida do jovem, seja para sua segurança diante do grupo de iguais, seja pela identificação, amizade ou constituição identitária. Algumas tribos são características como, por exemplo, os “emos”. É uma abreviação da palavra em inglês *emotion*, que significa “emoção”. É um grupo que cultiva melancolia, reuniões com temas introspectivos e até fúnebres, buscando aconchego e escuta diante da solidão familiar e isolamentos sociais. Percebemos o contraste desta tribo com os “coloridos”. Esta é uma tribo que implantou um estilo de vestir: com uso de cores chocantes e contrastantes (tênis de uma cor, meia de outra, calça de outra, cueca de outra, camisa de outra, cabelo, unhas etc.), mostrando uma contestação aos padrões estéticos impostos formalmente como camisa de força. Ademais, poderíamos citar muitas outras tribos, como pichadores, que sempre estão dando um recado ao demarcarem seus territórios, os que são ligados aos estilos musicais (hip hop; etc.), contendo sempre características semelhantes sobre a identificação e oposição social.

Características midiáticas

Mesmo que faça parte do contexto social, elejo um item para as “características midiáticas” por perceber grande importância destas, não somente nos comportamentos, como foi visto na leitura geracional acima, especialmente as gerações Y e Z. Neste ponto tentaremos mostrar algumas das influências que marcam estas duas gerações, ao ponto de configurarem perfis e personalidades a partir das influências midiáticas, marcando fortemente uma característica juvenil atual.

Começamos observando a influência do sistema, ou dos sistemas. Como fazemos parte de um sistema capitalista, que é sustentado pelo consumo, este pode ser o primeiro a ser observado neste processo de influência. Mesmo diante de tantas belezas que os progressos atuais nos ofereceram, com

tecnologia moderna e conexão imediata, destacam-se alguns prejuízos. Com os avanços, somos obrigados a trocar de objetos constantemente, tanto em função da utilização de novos recursos, como pela “criação da necessidade” se nos sentirmos incluídos socialmente. Aqui, podemos notar o que víamos na reflexão geracional sobre flexibilidade *versus* inconstância. As trocas impostas pelo sistema capitalista causam impacto não só no meio ambiente, porque o planeta não consegue mais absorver tantos descartáveis, mas também nas relações e opções (namoro, casamento, faculdade, religião). Do cansaço do uso de um aparelho telefônico, eletrodoméstico, passa-se também para o cansaço e desgaste na convivência.

Somado ao contexto do sistema de compra e venda do mercado, há o mundo midiático, em que temos a configuração de identidades, pois a troca de objetos tem tido sua expressão na troca de opções e de pessoas. Aqui, podemos perceber a mistura destas duas dimensões que se complementam, pois a venda do aparelho vem com sua utilidade, ou seja, seu uso midiático. O significado do aparelho celular ganha valor e praticamente passa a fazer parte da pessoa devido às redes de relações por ele estabelecida. Percebamos em nós e nas pessoas com as quais convivemos como está cada vez mais difícil ficar longe do celular e das redes sociais.

Aqui temos a característica de um(a) jovem que tem nas redes virtuais sociais sua principal forma de relação. Estas relações trazem a beleza devido à abertura para o novo, o desconhecido, o misterioso e o curioso, mas trazem desafios quanto à segurança e consistência, configurando um comportamento de incluir e excluir de acordo com as conveniências e reciprocidades. Incluem-se ou excluem-se pessoas da agenda do *WhatsApp* sem muitos critérios ou pudores. Aqui está o encontro entre o sistema (troca) e o mundo virtual, na forma como me relaciono, no que diz respeito à profundidade e consistência de minhas opções.

Diante desta realidade, é comum o jovem passar por dois ou três cursos universitários em busca de uma realização, bem como passar por diversas opções de trabalho, nas relações e nas opções vocacionais. Diante da facilidade de se conceber uma mera “experiência”, como experimentar o aperitivo antes do “prato principal”, muitas vezes não chega ao “prato principal” ou não o reconhece.

Características eclesiais

Acabamos de ver acontecer, mesmo que ofuscada pelas olimpíadas no Brasil, a XIX edição da JMJ na Cracóvia, Polônia. Evento com grande

participação juvenil e encantadora motivação de nosso querido e profético Papa Francisco. O que este evento nos diz é que há um lugar, espaço e importância para os eventos de massa que atraem e motivam vários cenários juvenis, sejam movimentos, sejam pastorais. Em meu ponto de vista, não há dicotomia entre acompanhamento nas bases, nucleação, formação e acompanhamento consistente e compromissos sociais. Percebo a necessidade de se proporcionar grandes eventos para encontro e manifestação de uma espiritualidade do louvor e da alegria, bem como cuidar da base eclesial para o cultivo do que é despertado nos grandes eventos.

O que vimos acima, enquanto eventos de massa, tem a ver com o cenário eclesial, com reflexos internos nos movimentos e pastorais eclesiais. No caso dos movimentos, os impactos são ligados à busca constante por fortes experiências espirituais, por animação e relação. Já no caso das pastorais, percebemos ser um espaço para acolhida e aprofundamento de uma fé encarnada no seguimento de Jesus, com respostas aos apelos do Evangelho para a sociedade em sua complexa estrutura política e econômica. Temos desafios nas duas dimensões, como pouco empenho na organização dos movimentos, bem como uma baixa articulação das pastorais. Tudo isto nos enfraquece como Igreja, fazendo com que tenhamos pouca ou nenhuma alternativa para as juventudes.

Diante desta não dicotomia entre ação e louvor, percebo que os cenários juvenis, hoje, exigem novidades que desafiem de forma convidativa à adesão. Para nós, que temos nossa missão junto às diversas juventudes, faz-se necessário, sempre com a presença e participação dos jovens, criarmos e inovarmos sempre. O que há de fato é uma transversalização de concepção entre práticas dos movimentos e pastorais, em que não conseguimos identificar com facilidade o que é próprio de um ou de outro.

Características vocacionais

Por fim, chegamos às características vocacionais buscando identificar as possibilidades para o discernimento vocacional e um projeto de vida diante das características juvenis apresentadas. Tentemos perceber as características destes e destas jovens que buscam responder ao chamado de Deus na Vida Consagrada.

A primeira característica que podemos identificar é de tendência tradicionalista. Trata-se de jovens que buscam sua inspiração na tradição em

figuras específicas, normalmente ligadas a um modelo tridentino.³ Aqui, aponto dois desafios: o primeiro, ligado ao mundo da estética, onde há uma preocupação maior com o rito e a forma, envolvendo parâmetros e adereços que vão satisfazer a dimensão visual do ambiente, mas que nem sempre conseguirá expressar consistência e coerência, pois não é incomum haver rigor com as vestimentas e ritos e um certo risco do laxismo no comportamento pessoal, revelando um tradicionalismo por conveniência. Segue este desafio a falta de cuidado com a dimensão missionária, pois há uma preocupação interna com a manutenção do que está posto para sustentar e manter a estrutura, deixando para segundo plano ou até mesmo inexistindo a preocupação com o povo. Este modelo tem sido exortado pelo Papa Francisco para que se torne “uma Igreja em saída” e que estes pastores “tenham o cheiro das ovelhas” justamente por serem uma fatia do clero preocupado com a manutenção e não com a evangelização.

A segunda característica diz respeito a este(a) jovem de atuação pastoral, normalmente conseguindo fazer boa conexão entre o religioso e o social, mantendo uma boa disposição para a missão e o social. Como dissemos acima, este público está em crise, seja pela pouca assistência e acompanhamento, seja pelos desafios que todas as propostas que exigem constância e perseverança passam diante do contexto já citado anteriormente.

Reflexões finais

Como vimos, mesmo tratando sobre as características como sendo dos jovens, devemos cuidar para não tomarmos uma postura de culpabilização e demonização deste tempo atual, caindo em um saudosismo que não ajuda em nada; bem ao contrário, nos afasta e isola dos desafios que este tempo nos oferece.

Ao final, é possível apontar a necessidade de se trabalhar as bases, como: a pessoa, a estrutura familiar e a vida da comunidade eclesial e congregacional em vista das motivações para as diversas opções que se vai fazendo. As diversas experiências eclesiais são importantes, porém não de forma condenatória, pois a juventude vivencia o que lhe é proporcionado como experiência. Se foi em movimentos ou em pastoral a experiência eclesial, não me parece ser o foco no discernimento, mas sim o processo feito na animação vocacional e na formação inicial para ajudar na compreensão de que se está abraçando um carisma, evitando a imposição do carisma de um movimento para uma congregação.

3 Modelos de acordo com o Concílio de Trento.

QUESTÕES

1. Ao percebermos quantas influências configuram o que aqui chamados de características das Juventudes, conseguimos não culpabilizar o jovem por aquilo que, em muitos casos, não teve oportunidade?
2. De acordo com a abordagem aqui feita, vimos que as influências passam pela aproximação e assessoria. Como apresentamos nosso carisma e nos propomos no acompanhamento das Juventudes?
3. A partir das reflexões aqui feitas, como podemos permitir que as Juventudes possam impactar nossa Congregação, Instituto ou comunidade?

Um bioma chamado Vida Religiosa Consagrada

PE. JOÃO MENDONÇA¹

Introdução

A Campanha da Fraternidade (CF) 2017 tem como tema: “Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida”. O tema é complexo e podemos perguntar sobre a importância disto para a Vida Religiosa Consagrada? Temos de fazer uma leitura complementar para inserir nosso projeto de missão neste grande contexto que, vivido na Quaresma, pede também a metanoia – conversão no interior de nós mesmos – para chegar a práticas e transformações segundo a vontade de Deus; afinal, é Deus que realiza as maravilhas (Lc 1,46-55).

É fato que na sociedade líquida atual há uma bifurcação, um colapso humano neodarwiniano, com novos impulsos separatistas: mais muros, militarização de fronteiras, policiamento de extermínio, guerras em pedaços, pactos desfeitos e grandes divisões no interior de democracias. Será a sociedade de resultados estatísticos, de um mercado liberal. Quem não tiver o que vender será eliminado ou substituído. Surgirá um novo ser humano de dentro das tecnologias. Vencerá quem mais negociar, esta será uma nova política de subsistência humana. O Papa Francisco, na homilia pelos 800 anos da Ordem dos Dominicanos, dizia que vivemos um carnaval mundano, marcado pela novidade, pela busca do imediato, pelo espetáculo. Não é mais a glória de Deus que conta, mas a glória humana. Onde fica, então, a Vida Religiosa Consagrada?

1 Pe. João Mendonça, sdb. Palestra para os religiosos e religiosas por ocasião do Dia Mundial da Vida Consagrada. Membro da Sociedade Salesiana de São Francisco de Sales (Salesianos), Província São Domingos Sávio, Norte. Licenciado em Filosofia, Bacharel em Teologia, Mestre em Educação, com especialização em pedagogia vocacional. Escritor e pregador de retiro espiritual. Atualmente é pároco. Contato: pe.mendonca@hotmail.com

Um bioma em sua rica diversidade

O bioma expressa em sua natureza uma realidade vivente: *bio*, do grego, significa “vida” e *oma*, também do grego, quer dizer “grupo”, então um bioma é o conjunto de vida animal e vegetal em uma determinada realidade geoclimática, por exemplo: a Amazônia, a Caatinga, o Cerrado, a Mata Atlântica, o Pampa, o Pantanal. Isto significa que o bioma é a uma teia de relações geradora de vida, mutações e morte.

Neste sentido, a VRC pode ser considerada um bioma que teve sua origem na vida eremítica (monge sozinho), depois migrou para a experiência cenobítica (monge comunitário); por alguns séculos, ambas coexistiram juntas, depois evoluiu para Ordens das viúvas, depois surgiram os monges dedicados ao silêncio e à oração contemplativa. “O Espírito Santo suscitou ainda as diversas famílias de Cônegos regulares, as Ordens mendicantes, os Clérigos regulares e as Congregações religiosas masculinas e femininas, em geral, dedicadas à atividade apostólica e missionária e às múltiplas obras que a caridade cristã suscitou”.² O mesmo Espírito fez desabrochar no século XIX os Institutos Seculares, homens e mulheres consagrados(as), porém, atuantes na sociedade sem vida comunitária. As Sociedades Apostólicas, algumas delas com votos temporários, assumiram também um papel importante no mosaico da VRC. Atualmente, “surgiram novas formas de Vida Religiosa Consagrada, que se vêm juntar às antigas, testemunham a constante atração que a doação total ao Senhor, o ideal da comunidade apostólica, os carismas de fundação continuam a exercer mesmo sobre a geração atual, e são sinal também da complementaridade dos dons do Espírito Santo”.³ Trata-se de biomas que interagem, recriam, mas não rompem a cadeia de vida da VRC como grupo humano inserido em contextos eclesiais sempre mais diversos e desafiadores.

Podemos dizer que a VRC sofre as mutações do tempo, inclusive o desaparecimento de alguns carismas fundacionais, sem perder, no entanto, sua originalidade, ou seja, a fraternidade.⁴ Se há uma realidade microbiológica da VRC, é a fraternidade com suas bactérias próprias e sua capacidade de transformar-se ao longo do tempo, sem eliminar grupos humanos, mas enriquecendo as células com novo oxigênio a partir do dinamismo do Espírito Santo.

No tempo em que a fragmentação leva a um individualismo estéril e de massa, e a fraqueza das relações desagrega e asfixia a atenção pelo humano,

2 VC, n. 8-10.

3 Ibidem, n. 12.

4 Ibidem, n. 42.

somos convidados a humanizar as relações de fraternidade para favorecer a comunhão dos espíritos e dos corações ao estilo do Evangelho, porque “existe uma comunhão de vida entre todos aqueles que pertencem a Cristo. Uma comunhão que nasce da fé” e que faz da “Igreja, na sua verdade mais profunda, comunhão com Deus, familiaridade com Deus, comunhão de amor com Cristo e com o Pai no Espírito Santo, que se prolonga numa comunhão Fraterna”.

Para o Papa Francisco, o selo da fraternidade é a ternura, uma “ternura eucarística”, porque “a ternura faz-nos bem”. A fraternidade tem “uma enorme força de convocação. (...) A fraternidade religiosa, mesmo com todas as diferenças possíveis, é uma experiência de amor que ultrapassa os conflitos”.⁵

A energia que nos multiplica

Perguntemo-nos, então, o que fornece tanta energia a VRC? O ambiente onde a VRC se alimenta é a sua capacidade de inserção na vida cotidiana da humanidade. Contudo, se não tivermos a perspicácia de entender o novo ser humano que está sendo gerado neste novo tempo, não seremos capazes de nos alimentar das inter-relações onde as células humanas coexistem, porque a vida é uma teia de relações. Tudo está relacionado. Assim como na vida animal e vegetal há uma cadeia quase invisível de relações de micro-organismos; assim também na VRC há pequenas e significativas fraternidades que atraem energia, transcendem o individualismo e formam grupos de vida. Para tanto, é preciso romper a couraça neopelagiana e agnóstica que invadem as células eclesiais nos dias atuais. A neopelagiana cria uma casca fundamentada na regra, na segurança de normas, na aparência que sufoca, no lugar de oxigenar a convivência; o agnosticismo nos mergulha na relativa subjetividade e no carnaval mundano que não permite experiências profundas de entrega, doação de si e capacidade de sermos visíveis, verdadeiros e fecundos vocacionalmente. Somos mais fazedores de coisas – ativistas – do que pessoas que buscam na intimidade com Deus fazer a sua vontade. É o decreto de morte do bioma chamado VRC.

Os últimos papas têm feito um chamado ao cuidado do ecossistema, mas também da VRC. Paulo VI alertava sobre a destruição do planeta, mas também chamou a Vida Religiosa Consagrada, como pedia o Concílio, a retornar às fontes de sua origem carismática para retirar o lixo que

5 CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Alegrai-vos, carta circular ao consagrados*. Documentos da Igreja 14. Brasília: Edições CNBB, 2014, n. 9.

aos poucos foi nos soterrando e tornando-nos quase sem vida. João Paulo II chamou a atenção sobre a ética nas ligações que há entre os biomas e que o processo acelerado de rompimento deste sistema estava ocasionando o colapso do clima. Chamou também a VRC a ser exclusiva de Deus, a sair do “eu” e ir ao “nós”, para manter a íntima ligação carismática fundacional e ao mesmo tempo o dinamismo da fidelidade criativa. Bento XVI, o Papa verde, chamou atenção sobre a ecologia social, a ecologia da natureza, quer dizer, não dá para entender o desenvolvimento sem um compromisso social com a natureza que nos envolve.

Desprezá-la é também desprezar o ser humano. Neste sentido, a VRC era chamada a ser uma fraternidade social a serviço da vida. Francisco não é apenas o nome de um Papa, mas um programa de animação e governo da Igreja onde o chamado a uma ecologia ambiental e humana pode gerar uma harmonia necessária para a sobrevivência de todos, sobretudo nas periferias dos grandes centros. É o Papa que veio da periferia e a trouxe para o centro da Igreja. Na Encíclica *Laudato Si'* o Papa chama a atenção de que o lucro, o dinheiro e os pactos não respeitados aceleram o colapso ecológico da terra. Neste sentido, a VRC é chamada a sair para as periferias humanas, a ser presença fraterna neste emaranhado ecológico humano e ambiental com sua beleza carismática na diversidade de seus modelos, porém, profundamente comprometida com a responsabilidade de ser luz onde há trevas.

1. A fraternidade como meta

Portanto, conviver com harmonia – comunhão – como VRC, dentro do espírito da diversidade que hoje nos caracteriza, pede-nos gestos e ações ecológicas de integração, respeito e responsabilidade social e eclesial para saber ver, chamar e convocar as novas gerações a entender o bioma que somos como VRC, também ameaçado neste carnaval mundano do relativismo subjetivo que alimenta nossas células com doses de egoísmo, individualismos, indiferenças; onde a glória pessoal ocupou o lugar da glória de Deus.

É importante, ainda, pensarmos sobre nossa missão de VRC dentro da complexidade eclesial e social líquida na qual vivemos. Acredito que a pergunta a ser colocada não é sobre o que temos a fazer, mas o que Deus quer que façamos. Afinal, qual é o projeto de Deus para nós? Estamos acostumados a fazer coisas, muitas coisas boas, aliás, um certo ativismo que nos cansa assustadoramente, contudo, será que somos mais visíveis como pessoas consagradas? O que realizamos em nossas obras e presenças pastorais

comunica de verdade nossa natureza como pessoas exclusivas de Deus? O que diz a Igreja?

Na realidade, a missão, antes de ser caracterizada pelas obras externas, define-se pelo tornar presente o próprio Cristo no mundo, através do testemunho pessoal. Este é o desafio, a tarefa primária da Vida Religiosa Consagrada! Quanto mais se deixa conformar com Cristo, tanto mais o torna presente no mundo e operante para a salvação dos homens.⁶

Por conseguinte, a VRC não é uma empresa ou ONG destinada a investir em um projeto meramente humano. Nossa origem é divina. Fomos gerados como bioma do coração mesmo de Deus Pai. Ele teve a iniciativa de tocar o coração de Antão, no Egito, para que ele desencadeasse na Igreja um novo grupo humano, rico em sua diversidade, mas consistente em sua missão. O projeto da Vida Religiosa Consagrada não é obra de pessoas humanas, fundadores e fundadoras, muito menos de nossos interesses pessoais. Somos fruto do olhar contemplativo e compassivo de Deus sobre a humanidade.

“Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi” (Jo 15,16); estas palavras recordam a todos que a vocação é sempre uma iniciativa de Deus. Foi Cristo que vos chamou a segui-lo na Vida Religiosa Consagrada, e isto significa realizar constantemente um “êxodo” de vós mesmos para centrardes a vossa existência em Cristo e em seu Evangelho, na vontade de Deus, despojando-vos dos vossos projetos, a fim de poderdes afirmar com São Paulo: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).⁷

À guisa de conclusão

Ele, Deus, teve a iniciativa de gerar este bioma. Ele nos escolheu. Ele nos colocou em lugares para reproduzir a semente do Verbo, Jesus Cristo, no qual somos discípulos(as) missionários(as). Somos chamados a entrar na barca com Jesus para contemplar as margens do mundo e agir segundo o desejo dele. Não realizamos o que queremos, mas o que Deus quer que façamos. Portanto, a sintonia perene entre os carismas fundacionais é importante e vital para a nossa continuidade. Fazer a vontade de Deus deve ser nossa principal e única tarefa. O que realizamos é apenas

6 VC, n. 72.

7 CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Alegrai-vos, carta circular ao consagrados*. Documentos da Igreja 14. Brasília: Edições CNBB, 2014, n. 4.

consequência desta fidelidade criativa. Acredito que uma das crises da VRC, hoje, é se imaginar independente da vontade de Deus. Às vezes, estamos mais preocupados com o que fazer e pouco com o ser buscadores da vontade de Deus.

O Papa Francisco chama-nos a deter o nosso espírito no fotograma da partida: “A alegria do momento no qual Jesus olhou para mim”; a evocar significados e exigências subentendidos em nossa vocação: “É a resposta a um chamamento, a um chamamento de amor”. Estar com Cristo requer que partilhemos com Ele a vida, opções, obediência de fé, bem-aventurança dos pobres, radicalidade do amor.⁸

Se queremos, de fato, ser presença profética em um contexto ecológico social de hoje, teremos que ser mais fraternos, mais de Igreja, mais visíveis, mais verdadeiros, mais fecundos e mais servos e servas daquele que nos chamou. Não somos nós que convertemos Deus, é Ele que faz novas todas as coisas (Is 49,19). Arrisco dizer ainda que Deus pede de nós muito mais do que até agora realizamos. Ele é exigente, portanto, como dizia João Paulo II e Bento XVI aos jovens: “Não tenhamos medo de Deus. Ele não tira nada de nós; ao contrário, acrescenta”.

8 Idem.

Interculturalidade da Vida Religiosa em tempos de globalização

RAFAEL LOPEZ VILLASENOR¹

1. Introdução

As ordens e congregações religiosas nasceram em contextos e vivências de identidades culturais locais, contudo muitos dos fundadores tiveram uma visão universal, dando origem à movimentação e deslocamento geográfico, criando um processo dinâmico da nacionalidade para a internacionalidade e interculturalidade.

Hoje, muitas comunidades religiosas são formadas por indivíduos vindos de várias culturas e países, por pessoas idosas e jovens, instituindo comunidades interculturais e internacionais. Viver a experiência intercultural exige maturidade e capacidade de entrega, valorizando os ganhos e relativizando as perdas culturais, acolhendo de maneira positiva os desafios proporcionais. A partir daí entendemos o conceito de cultura como um conjunto complexo de eventos, que inclui conhecimentos, crenças, arte, educação, religião, tradições, costumes, isto é, a coesão de ideias, **comportamentos, símbolos e práticas sociais**.

Diante da Interculturalidade da Vida Religiosa, como se deu esse processo? Quais são os desafios das comunidades interculturais e internacionais?

1 Missionário Xaveriano. Faz parte do grupo interdisciplinar da CRB. Mestre em Ciências da Religião e Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. _E.mail: rafamx65@gmail.com

Como as novas tecnologias marcam a interculturalidade? A reflexão deste artigo parte da experiência de interculturalidade, do florescimento e do despertar das Igrejas jovens para a missão *ad gentes*, passando aos poucos de objeto para sujeito da missão, criando comunidades internacionais e interculturais. Essas comunidades são influenciadas pela nova cultura tecnológica, que proporcionam relações humanas mais flexíveis, que marcam a sociedade globalizada, trilhando novos caminhos da missão dentro dos novos contextos globalizados.

2. O florescimento missionário e vocacional das igrejas jovens

Durante muitos anos, a Igreja católica, as ordens e as congregações religiosas enviaram missionários a diferentes países do terceiro mundo, após uma formação específica adequada para a missão além-fronteiras, com a tarefa de *plantatio Ecclesiae*. Esses resquícios chegaram até o Vaticano II, que ainda apresenta a missão como “atividades características com que os pregadores do Evangelho, indo pelo mundo inteiro enviados pela Igreja, realizam o encargo de pregar o Evangelho e de implantar a mesma Igreja”.² Portanto, os missionários deviam aprender a cultura, a língua, os costumes dos nativos e encorajar as vocações para o clero local.³ A Igreja era implantada, quando existia um cristianismo, mas sem clero local suficiente, sem os recursos para conseguir a autossuficiência econômica, considerava-se um trabalho missionário de “suplência eclesial”.

Os países fora da Europa eram considerados terras de missão, que recebiam não apenas missionários, mas também uma carga cultural colonial, considerada superior, como parte da evangelização, o que o fazia o missionário incapaz reconhecer o valor da cultura local, do diferente;⁴ também os ritos e culturas locais eram vistos como inferiores e com preconceito, portanto, deviam ser “purificados”.⁵

Nos últimos anos, a realidade mudou.⁶ O Concílio Vaticano II, com sua renovada eclesiologia, insistiu na catolicidade da Igreja, convida a viver em contato com outras realidades, a reconhecer o valor da autêntica cultura

2 AG, n. 6.

3 Ibidem, n. 26.

4 Ibidem, n. 40-41.

5 Ibidem, n. 9.

6 ANDRADE, Joachim. Interculturalidade nas comunidades religiosas: novas formas de viver. In SUSIN, Luiz Carlos. *Vida Religiosa em processo de transformação*. São Paulo: paulinas 2015. P. 136.

dos povos em sua diversidade legítima, que encarna a Igreja universal visível na pluralidade das Igrejas particulares e culturais.⁷ Aos poucos, surgiram os missionários dos países da África, da Ásia e da América Latina trabalhando além-fronteiras, inclusive na própria Europa. Também algumas congregações, sem o foco na missão *ad agentes*, passaram a ter missionários em vários países, formando comunidades interculturais. Este novo cenário trouxe novos paradigmas para a Vida Religiosa, criando, muitas vezes, tensões, desconfianças, mas também a vivência internacional e intercultural do carisma.

A nova geografia da Vida Religiosa Consagrada manifesta que está passando por um processo irreversível de internacionalização e da interculturalidade, precisando fomentar mais o diálogo intercultural com base na compreensão mútua através do património étnico, cultural, religioso e linguístico.⁸ Portanto, as congregações fundadas na Europa, no velho continente, não têm mais vocações e recebem jovens vocacionados da África, da Ásia e da América Latina, levando a um processo de mudança dos paradigmas culturais tradicionais, através das comunidades internacionais e interculturais que devem fomentar o diálogo intercultural.

Se por um lado se assiste a diminuição das vocações nos países tradicionalmente católicos, devido, especialmente aos efeitos da secularização e da baixa taxa de natalidade; no hemisfério sul, sobretudo na África e na Ásia, o número de católicos e de vocações aumentaram.⁹ O crescimento do catolicismo no continente africano se explica por motivos demográficos, mas também pelo sucesso do trabalho de evangelização. Os mesmos resultados podem ser constatados no caso das vocações para a vida sacerdotal e para a Vida Religiosa missionária. Com efeito, em um intervalo de poucas décadas, o crescimento das vocações na Ásia e na África desenhou uma nova geografia da presença das congregações religiosas e da Igreja. De tal modo, que aparece cada vez mais internacional a vivência dos carismas.

As jovens comunidades cristãs dos países recentemente evangelizados são um presente para missão, uma esperança para o futuro, uma fortaleza para a Igreja e para a Vida Religiosa Consagrada. Também o florescimento

7 GS, n. 62-64.

8 Livro Branco sobre o diálogo intercultural: Viver juntos em igualdade, p. 13. Disponível em: www.dhnet.org.br/dados/relatorios/r_edh/relatorio_unesco_cultura.pdf. Acesso em: 31 de agosto 2016.

9 A evangelização na África subsaariana nos últimos cem anos tem alcançado bons resultados. De uma população católica de 1,9 milhões em 1900 passou-se, no final de 2010, para 185 milhões (18% da população). Além disso, nos últimos anos, quase metade dos batismos de adultos a nível mundial ocorreram em África. ANTUNES, Diamantino. *XXIX Assembleia Nacional da CIRM-CONFEREMO*. Maputo, 20-22 de setembro de 2011. Disponível em: <http://www.comboniane.org/africa-mocambique>. Acesso em: 8 de agosto de 2016.

vocacional da África e da Ásia está traduzindo-se em dinamismo missionário. O fluxo de missionários já não é de norte para o sul, mas também de sul para sul e inclusive, cada vez mais de sul para norte, passando gradualmente de estado de objeto da missão para sujeito de missão. Portanto, as jovens Igrejas, não só recebem, mas, sobretudo enviam missionários e religiosos. Dão a partir da própria pobreza.

A nova realidade eclesial está passando de uma configuração mais vernácula para uma abertura multiétnica e intercultural, redesenhando e enriquecendo as comunidades religiosas e a compreensão do carisma; desafiando os estilos de convivência e fraternidade, como o modo de fazer missão e da formação. Os jovens vocacionados que entram nas casas formativas vêm de situações diferentes das do passado, quanto à idade, maturidade humana, experiência religiosa, formação acadêmica, no contexto da modernidade líquida.¹⁰ Se, por um lado, isto é uma riqueza, por outro lado é um desafio, que obriga a dialogar e a repensar os paradigmas da formação, tanto básica como permanente.

As congregações religiosas por causa do envelhecimento e da diminuição dos religiosos(as), especialmente no primeiro mundo, confrontam-se com a impossibilidade de manter as obras essenciais. Um dos medos que aflige fortemente as congregações é a elevada média de idade, resultado de vários fatores, como pequena entrada de vocações, saída de consagrados(as) jovens e de média idade, assim como o envelhecimento dos membros como parte do aumento da expectativa de vida. Deste modo, muitas vezes, “importam-se” religiosos(as) do sul do mundo para o norte com o objetivo de manter as velhas estruturas, tirando jovens consagrados das atividades missionárias. Portanto, as aberturas formativas no terceiro mundo não devem ser apenas por razões de sobrevivência, mas para irradiar o carisma e a missão da Igreja. Este objetivo origina novos desafios e novas riquezas, contribuindo para a criação de comunidades interculturais e internacionais.

Acreditamos que a Vida Religiosa tem a necessidade de ultrapassar os desafios da internacionalidade para enfrentar a interculturalidade. Ora, isto exige que se reconheça e se integre o diferente, acolhendo o pluralismo cultural e o esforço contínuo por compreender e respeitar o “outro” da maneira misericordiosa. Assim, é necessário criar a dinâmica de dar e

10 O termo “modernidade líquida” é uma alegoria porque estes não têm uma forma, são fluídos que se moldam conforme o recipiente nos quais estão contidos, ao contrário dos sólidos que são rígidos e precisam sofrer uma tensão de forças para moldar-se a novas formas. Os fluídos movem-se facilmente, simplesmente fluem, transbordam, vazam, preenchem vazios com leveza e fluidez. Inclusive, não são facilmente contidos, penetram nos lugares, nas pessoas, contornam o todo, vão e vem ao sabor das ondas do mar (BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003).

receber, partilhar e dialogar, o que determina a confiança recíproca e o reconhecimento positivo das diferenças.

3. A formação de comunidades interculturais e internacionais

A interculturalidade se acentuou com os processos de globalização que contribuem para produzir encontros, importações e intercâmbios culturais de modo mais sistemático. Esses novos vínculos transculturais facilitam o diálogo intercultural. Isso é, o movimento migratório do terceiro para o primeiro mundo provocou a transformação demográfica em alguns países e cidades, inclusive, tendo como consequência o surgimento de situações limites de tolerância.

O estrangeiro deixa de ser distante e a sociedade agora é forçada à convivência com o “outro”, o diferente, que frequenta as ruas e as praças, os mercados e as igrejas, as escolas e os cinemas cotidianamente, disputando vagas de emprego, submetendo-se à tutela do estado, que é responsável por sua saúde, pela educação de seus filhos e pelo bem-estar social. O migrante traz consigo valores que colocam em cheque as tradições locais. A discussão sobre esta situação “seja da parte dos ex-colonizados, seja na perspectiva dos antigos colonizadores, não pode não se constituir como um drama”.¹¹

No contexto de globalização, surgiu o conceito de interculturalidade, usado para indicar um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade, ao contrário, “fomentando o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos”.¹² Portanto, a interculturalidade ultrapassou os limites dos países hegemônicos com o crescimento do processo globalização, operado por instituições transnacionais e a diminuição do poder dos estados-nações. O desenvolvimento das tecnologias de comunicações e as facilidades de deslocamento permitem um aumento dos contatos de pessoas, ideias, bens e significados provocaram também um maior contato entre as diversas culturas.

O fenômeno da interculturalidade está também, presente em cada cultura. Na realidade brasileira, este fenômeno aconteceu, de maneira especial, com a migração nordestina para os grandes centros urbanos do centro-sul

11 MOURA, Milton. *Diversidade cultural e democracia: breve reflexão sobre os desafios da pluralidade*. Textos e Contextos, Salvador, v. 3, n. 3, p. 29-38, 2005.

12 Idem.

do país, possibilitando a constituição de um grupo social que tinha em comum sua origem e uma identidade cultural própria, diferente da cultura urbana do centro-sul. Também, a utilização da mão de obra abundante, com baixa qualificação técnica e barata foi um dos motores do desenvolvimento acelerado da região, o grupo de migrantes nordestinos foi tratado de forma desigual e preconceituosa pelas forças hegemônicas dessas cidades. Identificar, no caso brasileiro, a utilização da diferença cultural para esconder a questão de fundo, que é a desigualdade social.

No Brasil, houve a dificuldade da inserção, por parte da cultura dos afro-brasileiros na sociedade, após a abolição da escravatura. Este grupo étnico de forte identidade cultural, historicamente privado de cidadania e direitos humanos foi, desde a chegada ao país, um dos maiores contribuintes ao desenvolvimento do mesmo. No entanto, pela origem histórica, geográfica e a identificação étnico-cultural diversa dos grupos dominantes nacionais, continua excluído e marginalizado após mais de cem anos de abolição da escravatura, com resultados sociais desastrosos como analfabetismo, desemprego e violência.¹³ No que diz respeito à contribuição da cultura negra na construção da identidade nacional destaca-se o samba como símbolo da cultura brasileira, passando a representar a mesma tanto no Brasil como no exterior.¹⁴

Na Vida Religiosa, a interculturalidade, surge como parte da internacionalidade, com religiosos(as) de diferentes idades, origens, países, formação e competência, isto é, com pessoas de todas as raças, línguas, povos e nações. Ora, este fato envolve a busca de critérios para se viver um clima de fraternidade e interculturalidade nas comunidades apostólicas e nas comunidades de formação internacional. Em um mundo tão globalizado como atormentado por divisões, sectarismo e fundamentalismo, a Vida Religiosa deve dar testemunho de que é possível globalizar a comunhão de vida, capaz de harmonizar as diferenças e valorizar os elementos culturais, através do testemunho de comunhão e fraternidade.

O aprendizado da interculturalidade reconhece que não existe uma cultura superior ou inferior, apenas diferente. Não deve existir polarização ou crítica negativa para as outras culturas, mas respeito, acolhida, recolhimento das identidades e dinâmicas dialógicas. Igualmente, deve-se superar toda tentação de acreditar na existência de uma cultura universal, com valores absolutos de maneira etnocêntrica. As diferenças de caráter, de cultura, de

13 VASCONCELOS, Luciana. *Interculturalidade*. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDADE.pdf>. Acesso em: 8 de agosto de 2016.

14 VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

proveniência e de idade devem constituir uma oportunidade para crescer na dimensão missionária, no testemunho e na misericórdia.

A Vida Religiosa situada em contextos sociais, muitas vezes abalados por paixões e divisões, as comunidades interculturais com pessoas de diversas idades, línguas e culturas, surgem como sinal de que o diálogo intercultural é possível e de que a comunhão é capaz de harmonizar as diferenças no contexto local. A comunidade intercultural deve ter como marco referencial o contexto em que se encontra no tocante à vida da Igreja local, os estudos, o idioma, a comida, o estilo de vida e sem descuidar da riqueza proveniente das diferentes experiências e culturas.

A misericórdia é ato essencial da vida comunitária, é necessária à maturidade para saber viver em uma comunidade intercultural. Existem comunidades internacionais abertas e acolhedoras, que aprendem a conhecer-se e acolher os outros com suas culturas e tradições. Desse modo, a vida comunitária sempre deve ajudar a relativizar a própria cultura e a sentir a necessidade do contínuo e recíproco enriquecimento. Pode acontecer a incapacidade de perceber os aspectos negativos da própria cultura e com o pretexto cultural tende-se a mascarar preconceitos, complexos e problemas pessoais. Portanto, a vivência intercultural exige a consciência de reconhecer os limites, sabendo relativizar a própria cultura para melhorar a vivência intercultural. Podem existir cargas culturais que dificultam a vivência intercultural.

O desafio será sempre, para o indivíduo e para a comunidade, saber o que tem que ser valorizado e o que deve ser relativizado no processo da mudança de uma cultura para outra. O êxito do diálogo intercultural não depende tanto do conhecimento do outro, mas da capacidade de ouvir, da empatia, da humildade e de acolher positivamente a diversidade.

4. A nova cultura mediática e a fluidez comunitária

O ser humano é um ser social, que precisa viver em comunidade, relacionar-se e comunicar-se. A chegada da nova cultura tecnológica modificou a comunicação, facilitando as informações e a comunicação, anulando as barreiras geográficas e culturais, trazendo mudanças de paradigmas, de acordo com o modelo do ciberespaço. Vivemos as influências da nova cultura tecnológica, instigados pela cultura do momento e do imediato, através das sensações narcisistas e hedonistas, que podem provocar instabilidade,

falta de compromisso e levar ao individualismo e ao consumismo.¹⁵ A cultura midiática é marcada pelos novos modos de comunicar e criar relações entre indivíduos, comunidades e culturas. Os contatos interculturais que mantemos dão lugar às novas formas de diversidade cultural, especialmente devido aos progressos da tecnologia digital como instrumentos para Animação da Vida Religiosa Consagrada.

A diversidade cultural, tal como a identidade cultural, baseia-se na inovação, na criatividade e na receptividade a novas influências. Todas as tradições vivas estão submetidas à contínua reinvenção de si mesmas. Portanto, a nova cultura tecnológica leva a relações humanas flexíveis, gerando níveis de insegurança e ambivalência.

A fluidez dos vínculos, que marca a sociedade globalizada, encontra-se inserida nas características da modernidade. Tudo ocorre com intensa velocidade, o que também se reflete nas relações entre as pessoas e as culturas. As novas tecnologias abrem novas possibilidades, novas maneiras de relacionamento, atuação, cultura e educação. As barreiras geográficas e temporais são praticamente eliminadas, tudo corre muito rápido, mas deve existir discernimento para poder usar de maneira adequada. A internet é o campo da criatividade, é palco para a facilidade de informação, resultados, construção e principalmente comunicação. As conexões são celebradas com enorme rapidez da mesma forma como são desfeitas.

Em tempos de globalização, quem não tem internet, e não está integrado nas redes sociais, está excluído em relação aos que possuem e à cultura cibernética. Os custos da comunicação tornaram-se cada vez mais baratos, deixando de existir ou diminuindo a diferença entre custo local e global, e esse processo relacionou-se ao excesso e à chegada veloz de informações. “A comunicação barata inunda e sufoca a memória, em vez de alimentá-la e estabilizá-la”.¹⁶ Portanto, a internet fez com que o aumento da velocidade de transmissão da informação aumentasse cada vez mais, podendo esta ser transmitida mais rapidamente do que a viagem dos corpos, perdendo a noção de viagem e distância a ser percorrida. A informação passa a ser instantaneamente disponível para o planeta.

A inserção nas redes sociais e na nova cultura midiática cria novos laços de maneira rápida e líquida, como um espaço que propicia troca de ideias e encontros virtuais. O uso da internet vem gerando novas práticas e modificando o comportamento, no qual se elabora o mundo social através de

15 BAUMAN. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar 2003.

16 BAUMAN. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 23.

redes sociais. Como “filhos desta época, todos estamos de algum modo sob o influxo da cultura globalizada atual que, sem deixar de apresentar valores e novas possibilidades, pode também limitar-nos, condicionar-nos e, até mesmo, combalir-nos”.¹⁷

As mudanças ocorrem a uma velocidade impressionante e, se por um lado é mais fácil deslocarmo-nos de um lado para o outro, por outro lado, enquanto religiosos(as) parece muito difícil acompanhar e entrar no comboio em constante andamento e transformação. Existem novas visões do mundo, da vida, da sociedade e do sagrado sendo fruto do mundo globalizado e tecnológico. As mudanças estão em todos os campos e em todas as atividades humanas, que influenciam de forma mais direta as comunidades interculturais e internacionais. Viver em tempos de globalização é um apelo ao sentido crítico, ao discernimento e à criatividade.

As novas realidades trouxeram também uma nova vitalidade religiosa ultraconservadora e neointegrista, que busca defender o tradicionalismo perante o relativismo e ao indiferentismo que atinge também as comunidades interculturais. A ansiedade do novo pode levar a sistemas e estruturas regressivas e arqueológicas. O fundamentalismo religioso é um filho legítimo da modernidade líquida, nascido de suas alegrias e de seus tormentos, e herdeiro, do mesmo modo, de seus empreendimentos e de suas inquietações.¹⁸ Ainda, existe uma religião especificamente moderna, nascida das contradições modernas da vida líquida,¹⁹ em que se revelam as insuficiências do homem e a futilidade dos sonhos de ter o destino humano sob controle. No mundo globalizado, há uma “metamorfose” da religiosidade e da fé.

Algumas atitudes do passado estão voltando entre os jovens e as novas gerações, como a volta às antigas formas de vida católica tridentina, o uso do hábito, o clericalismo, a disciplina, o afastamento do mundo entre outras. Também existem novas ondas, que procuram uma vida sem muita disciplina, pouco estudo sistemático, com uma espiritualidade pentecostal, subjetiva, cheia de emoção, ambivalente e fluida. Inclusive, há quem pense na mistura de símbolos do medievo e da pós-modernidade. Esta espécie de ruptura pode ter consequências muito distintas, porém as realidades espirituais não são estranhas à realidade da sociedade atual.

O fundamentalismo é um fenômeno que marca a conjuntura da modernidade líquida, expressão de uma reação às influências da globalização.

17 EG, n. 77.

18 BAUMAN. *O mal estar da estar da modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 228.

19 Ibidem. P. 226.

No mundo globalizado, as identidades culturais provêm frequentemente de múltiplas fontes. Na busca pela identidade não se devem trilhar caminhos de reinstitucionalização e retraditionalização, mas uma renovação missionária e profética, através da leitura adequada aos novos “sinais dos tempos”. A identidade do modelo antigo, rígida e inegociável, não se ajusta às novas estruturas frágeis e transitórias.²⁰ A identidade passa a levar fortemente em consideração os aspectos novos e menos os estáveis do passado.

As relações humanas interculturais na vida comunitária parecem também ser líquidas, fragilizadas por mágoas acumuladas, competição, ironia e rigidez, levando muitas vezes, a refugiar-se em falsos valores. Os vínculos comunitários podem ser frágeis, misteriosos, conflitantes, inseguros e ambivalentes. Os conflitos comunitários fazem parte do ser humano, pois como pessoas normais temos limites e criamos conflitos. Os conflitos interculturais e intergeracionais podem nos ajudar a amadurecer e a crescer na fraternidade.

Na comunidade internacional, existe o perigo de ser criado o idealismo comunitário multicultural, que constrói castelos de areia, que imagina a comunidade como uma vida sem conflitos, sem incoerências, sem patologias, sem encontros físicos. Mas, o individualismo, o egoísmo, o egocentrismo, a ambição pessoal, são palavras que mostram a dificuldade que afeta a comunidade e cria desarmonia na vida comunitária. Quando encontramos, devido à fragilidade humana, pode existir o desencantamento e a dificuldade de responder com uma relativa maturidade.

Portanto, é preciso educar para a interculturalidade com realismo, sem perder, no entanto, o encanto do sonho e a utopia. Todos os integrantes se beneficiam com o diálogo contínuo mútuo que permite compreender a história, as motivações, os desafios culturais, as realidades passadas e atuais. Ausência de diálogo contribui para a criação de um clima de desconfiança mútua, de tensão e de ansiedade. O diálogo intercultural é necessário, de maneira mais acentuada, na comunidade multicultural. Apenas o diálogo permite viver a diversidade na unidade.

A comunidade intercultural deve estar sempre atenta à identidade, não como o que torna iguais, mas como o que nos distingue a individualidade. Mas, é possível construir a identidade da comunidade intercultural sem levar em conta a alteridade? A identidade deve ser considerada como o conjunto de elementos complexos e sensíveis aos diversos contextos vividos.

Mesmo que cada indivíduo seja o produto de seu patrimônio e de suas origens sociais, todos podem enriquecer mutuamente a identidade na

20 BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro, 2005: Zahar. p. 30-32.

comunidade intercultural por meio do diálogo. A abertura, a misericórdia e a partilha recíprocas são componentes que ajudam a enriquecer culturalmente; são mecanismos que permitem encontrar constantemente um novo equilíbrio identitário, que responde às novas experiências e que acrescentam novas dimensões à identidade sem perda das próprias raízes. O diálogo intercultural ajuda-nos a evitar os obstáculos identitários e a permanecermos abertos às exigências atuais.

5. Considerações finais

Pertencer a uma cultura significa ter uma identidade frente ao outro, ter a capacidade de compartilhar os próprios valores, porém viver em tempos de globalização permite-se novas formas de identidade coletiva e cultural, que não mais se definem em função do pertencimento territorial, ou tradicional, mas em função de questões de relevância global criando uma interculturalidade global.

O surgimento de vocações das Igrejas da África, da Ásia e da América Latina criaram o rosto mais universal, mais multiétnico e intercultural, redesenhando e enriquecendo a Vida Religiosa. A nova realidade traz consigo riquezas e desafios, angústias e esperanças, incertezas e confianças que devem levar a rever antigos paradigmas diante das novas configurações do mundo atual. Os desafios são muitos perante os novos e os velhos paradigmas, que não dão conta de responder às inquietudes da interculturalidade. As antigas certezas foram substituídas por dúvidas e as verdades, por novas interrogações.

Formar comunidades interculturais é um aprendizado que ajuda a superar o etnocentrismo, como atitude de ver as outras culturas em função da própria, o que pode trazer a intolerância e/ou o sentimento de superioridade da própria cultura. As diferenças de caráter, de cultura, de proveniência e de idade são uma ocasião para testemunhar a dimensão universal, fazendo do mundo uma só família. Viver a interculturalidade requer maturidade, misericórdia e atitude de conversão permanente. Não é fácil ter a sensibilidade de perceber os valores presentes nas diferentes culturas, sem saber relativizar os próprios valores culturais.

Vivemos constantes transformações e novos desafios que criam angústias, tristezas, esperanças, alegrias, perplexidades e questionamentos. As rápidas mudanças, em parte, são fruto das novas tecnologias. A internet, os celulares, as redes sociais, entre outras, influenciam a sociedade e os missionários; facilitam as informações, anulam as barreiras geográficas e culturais

da humanidade, promovem a fraternidade universal, mas também podem proporcionar uma maior distância entre pobres e ricos, acentuando ainda mais as diferenças.

Perguntas

1. Que desafios podem originar a vivência em comunidades interculturais e intergeracionais?
2. De que maneira as experiências do diferente podem ajudar a crescer na vida comunitária?
3. Como a nossa comunidade vivencia a espiritualidade da interculturalidade?

Simplemente humano – assim como Jesus: reflexões sobre a essência da Vida Religiosa

IR. DR^a. MARTHA ZECHMEISTER CJ¹

TRADUÇÃO: JOHANNES GIERSE, FRADE E MENOR

Prezados convidados, queridos irmãos e queridas irmãs, alegro-me em festejar com vocês tendo o privilégio de compartilhar as minhas considerações. Gostaria de dar uma pequena contribuição colocando-nos diante da pergunta: Quem somos nós, mulheres religiosas? Aqui e agora, neste mundo e nesta Igreja? Minha palestra tem o título: “Simplemente humano – assim como Jesus: reflexões sobre a essência da Vida Religiosa”.

O ponto de partida: a situação atual da Vida Religiosa

Um olhar realista para a Vida Religiosa na Europa nos mostra que esta vem de modo acelerado desaparecendo tanto do cenário das percepções públicas, quanto dos espaços da vida social. Se a estatística tiver razão, brevemente a Vida Religiosa cairá na marginalidade do cenário europeu. Os antigos construtores da cultura europeia se tornam uma nota de rodapé da mesma. Além disso, muitas vezes parece que perdemos a nossa “mística”. Uso o termo “mística” na linguagem comum, assim como fazem

1 Palestra da Ir. Dr^a. Martha Zechmeister CJ por ocasião do jubileu de ouro da Conferência das Ordens Femininas da Áustria, dia 30 de abril de 2016 em Innsbruck

os latino-americanos: “mística” é aquilo que inspira; uma dinâmica que sustenta, impulsiona e move; algo que nos atrai e nos faz vibrar de alegria e vontade de agir – tanto como indivíduo como comunidade.

“Voltar aos fundadores, às fontes do próprio carisma”, era o lema do Concílio Vaticano II para renovar a Vida Religiosa. Este processo de “voltar às origens”, da redescoberta do próprio carisma, vivenciaram muitas comunidades de forma intensiva e sincera. Porém, a crise se demonstrou tão abrangente e radical que o voltar às fundadoras e aos fundadores de cada Congregação não é suficiente. Não somente algumas comunidades, mas todas elas juntas e o conjunto da Vida Religiosa são atingidos. Para reencontrar a nossa mística é necessária uma conversão radical às origens e ao fundamento de toda a Vida Religiosa e de todo ser cristão. “Ninguém pode colocar um alicerce diferente daquele que já foi posto: Jesus Cristo” (1Cor 3,11). Este fundamento sempre é mais do que um simples começo cronológico. Como nos ensinou Karl Rahner, é o *principium* no qual tudo o que vai desabrochar já está presente como germen e no qual encontramos os critérios decisivos para tudo o que há de vir.

Voltar às origens

Se formos sinceros, essa conversão nos confronta com uma primeira surpresa. Pois, nos primórdios do movimento de Jesus, não houve nem uma vida monástica, nem religiosa; ao menos não houve no sentido de uma comunidade de homens e mulheres celibatários. Jesus não era um monge, tampouco seus discípulos e discípulas. Em sua origem, o cristianismo, contrário ao budismo, não é uma religião de monges. Início, coração, “princípio” do budismo é a *Sangha*, a comunidade dos monges. Passaram-se anos até o surgimento dos primeiros monges através dos quais começaram também as tradições da Vida Religiosa no cristianismo; a saber, os séculos canônicos nos quais se formava e fortalecia a identidade cristã.

Além disso, é óbvia a ambivalência das origens da vida monástica cristã. Inevavelmente, elas foram influenciadas pela *gnosis*, o que implicava o perigo de desfigurar o Evangelho de forma sutil e até em sua raiz. Na *fuga mundi*, a fuga do mundo dos *anacoretas*,² demonstra-se nitidamente o dualismo gnóstico, o abandono das realidades históricas e políticas, o desprezo e a repressão do corpo humano e uma obsessão bastante doentia de reprimir os impulsos sexuais.

2 Explicação do tradutor: Os anacoretas eram monges cristãos ou eremitas que viveram em retiro, solitariamente, especialmente nos primórdios do cristianismo, dedicando-se à oração e à produção de textos litúrgicos, a fim de alcançar um estado de graça e pureza de alma pela contemplação. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Anacoreta>.

Nos primórdios da Vida Religiosa encontram-se ideais de ascese, de santidade e perfeição que tinham pouco ou nada a ver com o caminho de Jesus. Isto deixou marcas profundas e desumanizadas no cristianismo em geral e na Vida Religiosa em especial.

A fuga do mundo em massa pelos *anacoretas*, aqueles personagens exóticos e extravagantes dos séculos IV e V, é ainda marcada por um outro elemento que não se deriva da *gnosis* e do neoplatonismo. É o protesto enérgico contra a Igreja do império e contra a sua *liaison* (ligação) com o poder. A vida monástica surgiu no momento histórico no qual a Igreja deixou de ser uma minoria perseguida e se inseriu na cultura dominante adaptando-se a ela em um processo acelerado. Isto significava não somente a necessária acomodação da Igreja às novas circunstâncias, mas uma inversão de sua essência e sua mensagem. A comunidade não era mais a Igreja dos mártires nas pegadas do protomártir Jesus, mas ela mesma transformou-se lentamente em uma parte daquele mundo que exige sacrifícios humanos ou ao menos os tolera como “danos colaterais”. Apesar de toda essa ambivalência, no êxodo dos primeiros monges fora da Igreja do império e da cultura dominante daquela época rumo ao deserto, encontra-se algo que os liga com Jesus. Em quê consiste isso?

Segundo o meu professor de teologia, Johann Baptist Metz, gostaria de formular: em sua origem, o cristianismo é uma “revolta juvenil”, uma rebelião juvenil dentro de uma religião senil que perdeu seu coração vivo em prescrições, coisas exteriores e poderes hierárquicos. O cristianismo começa como uma “ofensiva libertadora” dentro de um sistema religioso que fez um pacto com poderosos políticos sem se preocupar, de verdade, com os que foram explorados economicamente e marginalizados socialmente por este sistema. Com clareza profética e autoridade vigorosa, Jesus lembrou a própria religião judaica de suas origens: a experiência de Deus que leva fora da escravidão e que não tolera outros deuses fora dele que legitimassem domínio e opressão.

Cristãos são aquelas pessoas que seguem a Jesus fazendo o que ele fez. Eles arriscam a sua vida para, sem rodeio, tomar partido pelos vulneráveis, desprotegidos e excluídos. Em sua origem há uma única razão de ser da Igreja como comunidade daqueles que seguem a Jesus: fazer acontecer o Evangelho como uma realidade libertadora e redentora – em meio ao que sufoca, atormenta e escraviza as pessoas no aqui e agora. Os primeiros monges apareceram exatamente no momento histórico em que a Igreja começou seriamente a trair a sua própria essência, sua vocação, sua missão.

Na década de 70, Johann Baptist Metz definiu a Vida Religiosa como “a terapia de choque do Espírito Santo para a Igreja-Grande”, como “uma forma institucionalizada de uma memória perigosa no meio da Igreja”. A

Vida Religiosa haveria de ser aquele espinho, aquela inquietação, aquele impulso permanente que impede que a Igreja faça as pazes com os poderosos deste mundo. Em uma Igreja aburguesada haveria de reivindicar insistente e impertinentemente as raízes evangélicas e a radicalidade no seguimento de Jesus. Hoje, este linguajar não nos parece mais adequado e pouco correspondendo a nossa atual situação. De fato, atualmente os(as) religiosos(as) na Europa não se comparam com um exército de “rebeldes juvenis” – também não as religiosas na Áustria. Parece-nos ser mais prudente falar de voz baixa e discreta. Mas, sendo sincera, às vezes tenho suspeitado dessa nova humildade. Quando a Vida Religiosa não é mais uma provocação, quando não suscita mais nenhuma irritação através de sua irradiação profética, nem dentro, nem fora da Igreja, então algo está errado.

“Nova criação do Espírito” nos ocasos da história

Em minha opinião, a dinâmica do início do cristianismo encontramos novamente na “ignição inicial” de cada fundação autêntica de uma ordem, ao menos nas origens das grandes formas arquetípos da Vida Religiosa. No decorrer dos séculos, em diversos contextos históricos e com diversas características específicas pode-se descobrir um determinado padrão que se apresenta da seguinte forma: sempre nas rupturas da história, lá onde as culturas se tornaram decadentes e desapareceram, também uma certa configuração de Igreja – entrelaçada com e dependente de tal cultura – entra em crise e chega ao fim. Assim aconteceu quando a antiguidade entrou em declínio e os bárbaros entraram no palco da história; ou nos séculos XII e XIII, quando as cidades medievais emergiram e a acumulação de riqueza e capital provocou a miséria e o empobrecimento da grande maioria. Nestas dolorosas transformações e turbulências da história, nos limiares de novas épocas, as velhas receitas evidentemente não servem mais para nada para assegurar a transmissão do Evangelho e do anúncio cristão. Contra a gravidade das instituições e do poder eclesástico, grudados intimamente às estruturas de um mundo em declínio, a Vida Religiosa demonstrou-se nestes momentos muitas vezes como um “truque do Espírito Santo”. Algumas pessoas corajosas arriscaram o êxodo das formas obsoletas – e isto foi ao mesmo tempo o retorno às origens, aos primórdios. O Espírito se serviu deles para gerar uma “nova criação”: comunhão humana na qual Jesus se tornava presente com novo vigor e de forma imediata.

Sem dúvida alguma, hoje nos encontramos novamente em uma época de mudanças profundas com todas as turbulências e sintomas de crise que dela fazem parte. A configuração social e institucional da Igreja envelheceu – e a da Vida Religiosa também. É muito curioso que é exatamente o Papa, um

religioso na Cátedra Petri, quem chama a atenção para isso. De várias maneiras perdemos o contato com as exigências e os desafios do mundo real e com os terrores e as angústias que hoje afligem as pessoas. Reconhecer isso com sinceridade, sem autopiedade e nostalgia, talvez seja o primeiro e mais importante passo. Para que a Igreja e a Vida Religiosa tenham um futuro, é necessário, em primeiro lugar, não se esquivar a reconhecer que dependemos inteiramente da “nova criação do Espírito” que vai muito além da nossa boa vontade de uma reforma, por mais honesta que essa vontade seja. A *ars moriendi*, a arte de não nos apegarmos ao conhecido e de nos libertar da preocupação pelo próprio futuro, como indivíduo e como comunidade, é o primeiro passo necessário para que o Espírito possa suscitar nova vida nos ossos ressecados.

A tentativa de “assegurar” a identidade cristã – principalmente da identidade dos cristãos consagrados –, é condenada ao fracasso. “Por si mesma” a Igreja é “nada”; ela é essencialmente “excêntrica” – ou ela não é mais a Igreja de Jesus Cristo. A Igreja não tem uma missão, ela é missão, ela é “ser a partir dos outros” e “ser pelos outros”. Não há transmissão do Evangelho sem entrega por aqueles aos quais o anúncio se dirige; não há entrega sem se entregar. A gravidade da instituição e a tentação da “espiritualização” do Evangelho, de um lado, ou quebrar a sua ponta pelo aburguesamento e pela acomodação, de outro lado, representam o constante perigo de trair o âmago da Igreja. Uma Igreja que luta pelos seus próprios interesses “como se fosse um fim em si mesma é incapaz de ser a portadora da palavra reconciliadora e redentora para as pessoas humanas e para o mundo” (D. Bonhoeffer).

Face a este perigo, o Espírito suscitou sempre de novo religiosas e religiosos para que fossem espinhos na carne da Igreja, “memória perigosa” do significado de ser cristão e de pertencer à comunidade de Jesus. O que vale para a Igreja em geral, vale ainda mais para a Vida Religiosa. Ela não tem nenhuma identidade “em si mesma”; não “temos” uma missão como se fosse um acréscimo, uma tarefa entre outras. Libertar-nos da preocupação pela própria sobrevivência e pela própria identidade, viver integralmente o serviço a Deus na entrega aos outros, ter “compaixão por paixão de Deus”: é isso que constitui a essência da Vida Religiosa.

A mística dos olhos abertos – ou: contra o docetismo na Vida Religiosa

O *docetismo* é uma heresia nos primeiros séculos da Igreja que afirma que o Verbo divino teria assumido apenas um corpo aparente (ilusório) para não se sujar com a real carne humana. O *docetismo* sobrevive em nós de forma

inconsciente. Estamos em perigo de nos mover em mundos de aparências e fantasmas, e de perder o senso pela realidade. Quando arriscarmos nos expor ao mundo real, nos envolver com humanos vivos e suas angústias e carências reais, então, isto nos arranca da irrealidade e de nós mesmos. Isso nos questionará e derrubará os fundamentos da nossa cosmovisão e autoconfiança em suas bases. Inevitalmente, este processo será acompanhado por medos e todo tipo “de desconsolação psicológica”. Envolver-se com o outro requer uma medida sacodida de habilidades de relacionamento e nos transformará profundamente. “Abnegação”, “mortificar o próprio eu”, “perder a vida para ganhá-la”: tudo isso não significa “arte pela arte”, nem por uma arte espiritual, mas sim, torna-se real neste contexto e vira uma experiência que penetra a carne.

“Buscar Deus” é o essencial da Vida Religiosa em todas as suas formas. Mas, se esta busca for realmente cristã implicando o Deus vivo Jesus Cristo, ela nunca se realiza pela alienação do mundo real, do mundo concreto-físico. Eri-ch Przywara, um dos grandes precursores do Concílio Vaticano II, escreveu: “Deus – a este você não encontra, mesmo que você cavasse nas camadas mais profundas da alma humana”. Quem busca Deus antes de tudo pelo caminho da introspecção, do mergulho nas próprias profundezas da alma, corre o grande risco de se tornar uma vítima de suas projeções ilusionárias. O primeiro passo do encontro com Deus é o impacto com a realidade que não pode ser pensada ou sonhada por nós. Encontramos Deus encontrando-nos com a dura e até brutal realidade. Assim escreve Jon Sobrino, meu colega na Universidade de El Salvador e companheiro, do bispo-mártir:

Tropecei com o ser cristão no dia 12 de março de 1977, em Aguilares, 30 quilômetros distante de San Salvador. Rutilio Grande (seu confrade jesuíta e pioneiro da presença da Igreja salvadorenha no meio dos lavradores rurais empobrecidos) e dois campesinos foram assassinados. Com os acontecimentos daquele dia e pouco tempo depois, interrompeu-se um ser cristão que nunca antes tinha vivido ou vislumbrado.

Uma tal realidade resiste às nossas manipulações e nela se quebram as nossas ideias e concepções imaginárias de Deus. Pedro Casaldáliga, claretiano, poeta e bispo (emérito) de uma diocese com uma população predominante indígena, grita isso ao compor seu poema mais breve: “Tudo é relativo, menos Deus e a fome”.

O caminho primordial para se aproximar ao Deus vivo consiste em se expor ao mistério do outro, do “con-humano”. Este “outro” nunca se deixa reduzir a uma cópia de mim mesmo, ele nunca é igual a mim, mas quanto mais eu me aproximar dele, tanto mais o experimento como o desconhecido, o estranho, às vezes tão estranho que fico assustado e com medo. Este “outro” revela-se a mim como alguém que resiste a qualquer tentativa de se apoderar dele. Prático violência contra ele ao tentar modelá-lo “segundo a minha imagem e

semelhança”; e ele questiona e exige a minha identidade de forma radical e ameaçadora. “Se alguém diz: ‘Eu amo a Deus’, e, no entanto, odeia o seu irmão, esse tal é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,20).

Johann Baptist Metz definiu a mística cristã como a mística dos olhos abertos. A experiência cristã de Deus não tem nada a ver com fechar os sentidos para o mundo exterior não entrar, mas sim, tem a ver com acordar, acordar dos sonhos e do mundo fantasma rumo ao mundo real, criado e amado por Deus. É ao mesmo tempo o mundo pervertido e desfigurado pela escandalosa e injusta distribuição dos bens, no qual milhões de seres humanos passam fome, estão expostos à violência mortal e morrem uma morte prematura e cruel. Uma das perguntas que mais me inquieta é esta: Como traduzir a mensagem da parábola do bom samaritano no contexto de um mundo globalizado? Não é “um só” que caiu nas mãos dos assaltantes, é uma parte significativa da humanidade inteira que caiu nas mãos dos bandidos, dos especuladores das bolsas de valores, dos traficantes de armas e dos possuídos pelo lucro. A mística da compaixão que emana da paixão de Deus não tem outro jeito senão tornar-se política. Mas, é possível vivenciar esta mística sem sofrer um colapso por causa da demanda excessiva? Metz fala do “imperativo categórico”, que é inevitável para aquele que resiste à tentação de querer fechar os olhos novamente. “Olha direitinho e você sabe” (Hans Jonas), olha direitinho e você sabe o que deve ser feito. Aguentamos olhar, ou aquilo que vemos é tão deprimente e até esmagador que ficamos paralisados e invadidos de sentimentos de impotência?

“Você não poderá ver o meu rosto, porque ninguém pode vê-lo e continuar com vida” (Ex 33,20). Partir para realmente buscar Deus é uma aventura exigente e perigosa. A noite escura “e a morte mística” não são estados exóticos da alma, mas significam a exposição de si mesmo a Deus na realidade do mundo – um mundo que parece ser uma contradição gritante com ele. Nelly Sachs, uma sobrevivente de Auschwitz, escreve em um de seus mais belos poemas: “Só alguns daqueles que se desesperaram completamente / amavam tanto, / que o granito da noite arrebitou”.

Ser humano, ser cristão, ser religiosa – acreditar em Deus significa não parar de esperar, amar e gritar contra todas as forças da morte.

Semelhante a Cristo em solidariedade ativa com os pobres

A palavra de Karl Rahner, muitas vezes citada, de que “o cristão do futuro será um místico ou não será mais cristão”, sem dúvida expressa uma verdade

essencial e profunda. Pedro Casaldáliga desenvolveu e especificou essa palavra. O cristão do futuro será pobre, solidário com os pobres, ou não será mais cristão.

Eu falei isso por ocasião de uma palavra de Karl Rahner quem disse: No século XXI, o cristão será um místico ou não será mais um cristão. Em todo caso, para mim é claro que Karl Rahner era o maior teólogo do século XX. Porém, creio com uma convicção inabalável, fundamentada no Evangelho, que hoje, no século XXI, o cristão(a) cristã ou é pobre ou está ao menos intimamente ligado(a) aos pobres, envolvido(a) na sua causa – ou não é um cristão, uma cristã. Nenhum dos famosos “critérios duma Igreja verdadeira” terá consistência, se a Igreja se esquecer do critério fundamental que mais que os outros corresponde ao Evangelho: a opção pelos pobres.

Certamente, essas palavras não pretendem a “redução antropológica” do cristianismo ou um “humanismo ateu”, mas concretizam o “onde” e o “como” do encontro com Deus. Ninguém pode seriamente buscar a Deus, sem se entregar inteiramente na luta por um mundo mais justo. “Ele julgava com justiça a causa do pobre e do indigente; e tudo corria bem para ele! Isto não é conhecer-me? – oráculo do Senhor” (Jr 22,16). Na Bíblia, conhecer é mais do que um ato intelectual, a intenção do “conhecer” é o encontro que acontece na profundidade da pessoa e inclui a entrega total pelo outro. Ninguém pode “conhecer a Deus” quem não seja receptivo pela sua presença nos desamparados e perdedores – e a percepção desta presença conduz inevitavelmente à ação e à luta.

Por isso, a mística cristã é uma “mística da ação”, mas jamais do ativismo. Apatia e resignação não levam a nada, mas tampouco fanatismo e teimosia agressiva ou ideológica. O caminho é reconhecer objetivamente as nossas limitações de agir – e ao mesmo tempo mobilizar nossa energia para agir como Jesus. *In actione contemplativa* – “contemplativo na ação” é um dos critérios da espiritualidade inaciana. Isso significa concretamente harmonizar o nosso agir com o agir de Jesus envolvendo-nos em um processo que nos torna cada vez mais “semelhantes a Cristo” e que toma conta do centro de nossa pessoa. A ação, o agir requer toda a nossa energia e todo o nosso vigor, sendo ao mesmo tempo completamente dócil, passivo porque se entrega inteiramente à ação de Deus em nós. Ao admitir que sua ação se torna o critério decisivo do nosso agir, seremos transformados na imagem de Cristo e adotados pelo Pai, no Filho, como seus amados filhos e filhas. “Não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim!” (Gl 2,20), exclama Paulo no cume desta experiência. É um processo de transformação radical, um verdadeiro “morrer-se”. Contudo, isto não tem nada de alienado, mas antes, desperta todo o potencial humano que está em nós tornando-nos mulheres inteiras e homens inteiros. Se a experiência for autêntica, enche-nos com uma profunda satisfação e alegria, mesmo que muitas vezes será uma alegria entre lágrimas.

Tudo o que Jesus fez, o fez na obediência ao Pai. “Não faço nada por mim mesmo (...). Aquele que me enviou está comigo. Ele não me deixa sozinho, porque sempre faço o que agrada a ele” (Jo 8,28.29). Mas, como podemos saber que não caímos na armadilha do autoengano? Que não agimos por conta própria, mas fazemos realmente “o que agrada ao Pai”? Dentro da lógica da concepção tradicional da Vida Religiosa a coisa era relativamente simples e clara: a instância de mediação da vontade divina seria a autoridade da Igreja – e obedecendo a essa autoridade cumprimos a vontade de Deus. Porém, isso corresponde realmente ao carisma da Vida Religiosa e a sua vocação profética? Onde e através de qual instância Deus fala conosco de forma que isso exigiria realmente nossa obediência incondicional e a resposta de toda a nossa existência? Mais uma vez, Metz seguindo gostaria de formular: É sobretudo a “autoridade dos sofredores” que reivindica toda a nossa atenção e nos confronta com a vontade divina. Aqueles que perecem de fome em consequência da injusta e escandalosa distribuição dos bens; os migrantes que fogem da violência mortal e contra os quais a Europa levanta uma fortaleza fortificada; enfim, todos aqueles dos quais fala o pequeno apocalipse no Evangelho de Mateus – eles são autoridade à qual somos comprometidos sem rodeios. Nenhuma instância, nem que seja a mais alta instância da hierarquia eclesiástica, posiciona-se acima da autoridade dos sofredores. A obediência madura e o amor maduro à Igreja sabem que a vocação mais nobre da Vida Religiosa – o serviço o qual estamos realmente devendo à Igreja – é a sua submissão à autoridade das vítimas e a reivindicação profética que a Igreja inteira há de se definir e mobilizar a partir desta autoridade. Se ela não fizer isso, desfigura o rosto de Jesus Cristo.

Envio – um movimento do centro à periferia

Nos tempos de crise na Igreja, nos tempos nos quais ela corre o risco de perder o seu rosto jesuino, o Espírito prefere evidentemente a irromper a partir das periferias, às vezes até das periferias suspeitas de heresia. Já os primórdios da vida monástica realizaram-se nas fronteiras da “Grã-Igreja”, e a integração dos monges “heréticos” era uma questão vital para ela. Da mesma forma aconteceu nos séculos XII e XIII com os movimentos dos mendicantes, e enfim, uma boa parte dos nossos fundadores e fundadoras estava na mira da inquisição.

Envio é uma dinâmica centrífuga, um movimento fora do centro rumo às margens. É um movimento rumo aos marginalizados. Somente quem busca a sua proximidade oferecendo-lhes comunhão, torna-se o sacramento da unidade, o instrumento da inclusão dos marginalizados e excluídos. A Vida

Religiosa deixa-se definir como o momento na vida eclesial que mantém viva essa dinâmica. O lugar próprio e adequado dela é a margem, a periferia, a companhia dos excluídos. Sua maior tentação é o anseio de pertencer ao centro ou transformar-se no centro. Quando a Vida Religiosa se deixar levar pela concupiscência de participar do poder, ou quando ela se deixar domesticar e funcionalizar pelas estruturas eclesiais, então o sal se tornou insosso, perdeu o sabor e não presta para mais nada. O primeiro aspecto é mais a variante masculina. Por isso, Inácio de Loyola exige dos jesuítas uma promessa, além dos votos, de não procurar honras eclesiásticas, nem de aceitá-las. Como mulheres não temos necessidade de uma tal promessa, mas nem por isso somos menos tentadas. Para nos sentirmos amadas e aceitas “pelo centro”, traímos muitas vezes o nosso carisma e nos estabelecemos como apoio do sistema. O espinho profético degenerou a uma simples graxa; um lubrificante que ajuda a engrenagem eclesiástica a rodar.

Marginalidade, o lugar mais originário da Vida Religiosa, significa segundo Jon Sobrino: “Deserto, periferia e fronteira”. O ambiente natural da Vida Religiosa é aonde ninguém quer ir; aonde não se concentra o poder, mas a impotência; aonde se corre o maior risco – até arriscar a própria vida; “lá onde é necessária uma ação mais profética para arrancar a Igreja de sua lerdeza que ameaça a petrificar tudo, ou para denunciar o pecado enfaticamente”. Nosso mundo não é um lugar inocente, mas um lugar da luta, um campo de batalha. Como religiosas e religiosos não havemos de comprovar nossa inocência, mas havemos de arriscar-nos sem reserva pelos que são mais ameaçados – e assim viver a nossa entrega ao mistério de Deus.

Coragem de ser loucos – ou: a êxtase mística

De certa forma, a Vida Religiosa não é essencial para a Igreja – e isso nos agracia com serenidade e liberdade. Durante séculos, a Igreja viveu muito bem sem nós. Por isso, temos o luxo de poder dispensar a defesa da nossa própria existência, de escapar do conhecido e de responder com liberdade e fantasia criativa àquelas situações no mundo que gritam mais por redenção e salvação. Não precisamos necessariamente nos comportar como as coroinhas-chefes do sistema eclesial. A Igreja merece o nosso amor maduro e não infantilismo. Nem as estruturas eclesiais, nem mesmo as tradições petrificadas da Vida Religiosa hão de determinar o nosso ser e agir, mas exclusivamente a docilidade com a qual harmonizamos nossa ação com a ação de Jesus: cantar o louvor a Deus arriscando “os insuportáveis exageros” do Evangelho e do seguimento de Jesus. Dietrich Bonhoeffer, o grande mártir da Igreja luterana, diz em uma de suas mais belas pregações:

Donde nos vem essa arrogância louca de espiritualizar essas coisas que Cristo viu e fez de forma bem concreta? Temos que pôr um fim a essa espiritualização ousada e hipócrita do Evangelho. Tomem o Evangelho como ele é, ou odeiem-no de verdade! (...) Não é cínico falar da consolação celestial por que não se quer dar a terrestre? (...) Não revela isto que na verdade não se leva a sério a miséria, mas que se esconde cinicamente atrás de piedosas frases?

Não sejamos hipócritas, não vivamos em mundos de aparências e fantasias, mas estejamos dispostos a encarnar o amor de Deus neste mundo real.

Se nós fizermos isso de verdade, vai sacudir e transformar profundamente a Vida Religiosa que conhecemos e vivenciamos até agora. A palavra “ordem” significa etimologicamente tanto Vida Religiosa como também aquilo que está em ordem, regulamentado, em seu devido lugar, sob controle. Essa corrente associativa não denomina de certo modo exatamente o oposto de entrega? Isto não traz consigo inevitavelmente o perigo de esterilidade? “E outro te cingirá e te levará para onde você não quer” (Jo 21,18). “Perder o controle”, renunciar a seu próprio *status* e a sua autoimportância, poderia ser o começo de uma liberdade antes nunca vista, de uma nova fertilidade e alegria.

A mística cristã é sempre uma mística do caminho: ir atrás de Jesus – arriscando-nos por aqueles que são atropelados – perdendo-nos no mistério de Deus. *Caminante, no hay camino, se hace camino al andar* (“caminheiro, não há caminho, o caminho se faz caminhando”), diz o lindo verso do poeta espanhol Antonio Machado. Nosso caminho não é um andar solitário, mas a itinerância de um povo. É um caminhar junto com meus companheiros e minhas companheiras – e junto com meus irmãos e irmãs mais vulneráveis que se tornam companheiros e sinais rumo ao mistério de Deus. Por isso, Pedro Casaldáliga responde ao Antonio Machado à luz do Terceiro Mundo:

Deixe que a canção do seu povo
Se torne o ritmo dos seus passos.
Sacuda o sono
Deixe a nostalgia pra trás.
Quem caminha na esperança
Já vive o seu amanhecer.